



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS - FAECS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

LUIZ CLEIBSON FERREIRA AMARAL

**O SABER RIBEIRINHO COMO VETOR DO TRABALHO PEDAGÓGICO:  
UMA EXPERIÊNCIA JUNTO A MORADORES DA COMUNIDADE DO RIO  
PIROCABA.**

ABAETETUBA - PA

2022

LUIZ CLEIBSON FERREIRA AMARAL

**O SABER RIBEIRINHO COMO VETOR DO TRABALHO PEDAGÓGICO:  
UMA EXPERIÊNCIA JUNTO A MORADORES DA COMUNIDADE DO RIO  
PIROCABA.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a Faculdade de Educação e Ciências Sociais (FAECS) da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado Pleno em Pedagogia

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge

ABAETETUBA - PA

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**  
**Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

A485s Amaral, Luiz.

O saber ribeirinho como vetor do trabalho Pedagógico: uma experiência  
junto a moradores da comunidade do Rio Pirocaba / Luiz Amaral. — 2022.  
87 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Eliana Pojo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará,  
Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Pedagogia, Abaetetuba, 2022.

1. Saber. 2. Educação. 3. Povo Ribeirinho. I. Título.

CDD 370

---

LUIZ CLEIBSON FERREIRA AMARAL

**O SABER RIBEIRINHO COMO VETOR DO TRABALHO PEDAGÓGICO:  
UMA EXPERIÊNCIA JUNTO A MORADORES DA COMUNIDADE DO RIO  
PIROCABA.**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
apresentado a Faculdade de Educação e  
Ciências Sociais (FAECS) da  
Universidade Federal do Pará, Campus  
de Abaetetuba, como requisito parcial  
para a obtenção do grau de Licenciado  
Pleno em Pedagogia

Data de aprovação: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Prof. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge – Orientadora  
Universidade Federal do Pará – UFPA

---

Prof.º Msc. Rosenildo da Costa Pereira - Membro  
SEMEC, Abaetetuba-PA

---

Profa. Dra. Joyce Otania Seixas Ribeiro  
Universidade Federal do Pará - UFPA

ABAETETUBA - PA

2022

Dedico este trabalho a meu pai Luiz Carlos (*in memoriam*), homem que tinha o sonho de ver seus filhos terem uma vida melhor do que a sua, e que morreu na luta para que isso acontecesse e a minha mãe, Maria Oneide, que sempre me apoiou e esteve ao meu lado nos momentos tristes e felizes desta trajetória.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho teve inúmeras contribuições direta e indiretamente, foram muitos que fizeram parte dele, o que sou extremamente grato. Nesta empreitada, ressalto em especial a minha família a qual, por vezes, se absteram de seus afazeres pessoais para me ajudar em meus estudos, desses faço registro aos meus pais Luiz Carlos da S. Amaral e Maria Oneide F. Amaral, as minhas irmãs, os meus cunhados e os outros tantos familiares. Isso foi possível graças a vocês.

Minha gratidão aos meus vizinhos da comunidade Pirocaba que contribuíram com as entrevistas, registros e conhecimentos aqui compartilhados. Da minha parte espero que este trabalho possa contribuir no fortalecimento e resistência do território, uma vez que nossa cultura, nossos valores e saberes expressos neste escrito precisam ser respeitados e valorizados, jamais destruídos. E dessa forma, estamos nos *amazonizando*, isto é, protegendo a Amazônia nossa de cada dia.

Registro aqui minha eterna gratidão a minha orientadora e professora Dra. Eliana Campus Pojo Toutonge, a qual me apoiou e incentivou imensamente na formulação deste trabalho. Aos avaliadores da banca Prof<sup>o</sup>. Msc. Rosenildo da Costa Pereira e Profa. Dra. Joyce Otania Seixas Ribeiro em suas ricas contribuições ao meu escrito. Em suma agradeço aos demais professores da Faculdade de Educação e Ciências Sociais – FAECS, meus colegas de classe e meus amigos que fizeram parte desta jornada de estudo.

“A ausência de instrução formal não é sinônimo de ausência de conhecimento”.

Elisabetsky (2002)

## **RESUMO**

O presente trabalho discute os saberes da comunidade rural-ribeirinha do Pirocaba, tomando as lógicas do pensar, agir e fazer que, de certo modo, se espraiam nos modos de organização da vida produtiva dos moradores, afim de uma problematização acerca de sua valorização e sentido à escola. A ideia central foi mapear os saberes pelas vozes e registros de moradores adultos e crianças, visando problematizar a escola do campo em sua ação pedagógica e curricular, no sentido de um ensino significativo e alinhado com a realidade do sujeito e contexto ribeirinho. Como fundamento nos embasamos nos pressupostos de autores que discutem o tema, e mais especialmente, em Brandão (2002); quando trata de uma lógica comunitária de construir e fazer circular o saber pela mediação da cultura e o mundo rural. Metodologicamente, o estudo de abordagem qualitativa, perpassou o uso de procedimentos/instrumentos tais como a observação, o registro fotográfico, entrevistas com moradores e oficinas com algumas crianças. Como resultado, podemos reafirmar a existência dos saberes da comunidade ribeirinha do Pirocaba alinhados a subsistência de vida, a integração com a natureza e a produção/transmissão/circularidade do saber por eles no cotidiano da comunidade. Estes saberes e processos sinalizam formas próprias de agir, fazer e pensar de um povo em sua peculiaridade e cultura. Estas indicações assinalam para uma escola que estabeleça uma conexão entre o ensino formal e o informal, oportunizando aos educandos-educadores; um currículo-vida, cultura-educação, a (re)construção do ensino com outras possibilidades, na qual a escola seja um espaço plural e vivo, e um ensino que, educandos e educadores, os façam, coletivamente, pensar, reafirmar, compreender que somos sujeitos de cultura e da Amazônia.

**Palavra-chave:** Saber; Educação; Povo ribeirinho.

## **ABSTRACT**

The present work discusses the knowledge of the rural-riverside community of Pirocaba, taking the logic of thinking, acting and doing that, in a way, spreads in the ways of organizing the productive life of the residents, in order to problematize their valorization and meaning to school. The central idea was to map knowledge through the voices and records of adults and children, aiming to problematize the rural school in its pedagogical and curricular action, in the sense of a meaningful teaching and aligned with the reality of the subject and riverside context. As a foundation, we base ourselves on the assumptions of authors who discuss the topic, and more especially, on Brandão (2002); when it comes to a community logic of building and circulating knowledge through the mediation of culture and the rural world. Methodologically, the qualitative approach study involved the use of procedures/instruments such as observation, photographic records, interviews with residents and workshops with some children. As a result, we can reaffirm the existence of the knowledge of the riverside community of Pirocaba aligned with the subsistence of life, the integration with nature and the production/transmission/circularity of knowledge by them in the daily life of the community. These knowledge and processes indicate ways of acting, doing and thinking of a people in its peculiarity and culture. These indications point to a school that establishes a connection between formal and informal education, providing opportunities for student-educators; a curriculum-life, culture-education, the (re)construction of teaching with other possibilities, in which the school is a plural and living space, and a teaching that, students and educators, collectively make them think, reaffirm, understand that we are subjects of culture and of the Amazon.

Keyword: Knowing; Education; Riverside people

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>09</b>
<b>SEÇÃO 1 – SABERES: ASPECTOS TEÓRICOS E DA VIDA NO CONTEXTO RIBEIRINHO</b> .....	<b>18</b>
1.1 Natureza .....	18
1.2 Ribeirinho/a.....	21
1.3 Cultura.....	22
1.3.1 Os valores .....	23
1.3.2 A crença .....	25
1.3.3 A criação.....	29
1.4 O saber .....	33
<b>SEÇÃO 2 – SABERES-FAZERES DO POVO DO PIROCABA</b> .....	<b>44</b>
2.1 O ambiente.....	44
2.1.1 As lutas sociais.....	48
2.2 A circularidade do saber.....	50
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>74</b>
ANEXO 1 - GLOSSÁRIO.....	77
ANEXO 2 - TERMOS DE CONSENTIMENTOS.....	78
ANEXO 3 – ROTEIROS DE ENTREVISTA.....	85

## INTRODUÇÃO

O estudo trata do saber, como uma das manifestações do ser humano em suas lógicas associada à cultura, ou seja, o saber é qualquer produção saudável do homem/mulher, na inter-relação com o mundo, em forma de ações, pensares, representação física ou ideológica de pensamento e cultura (simbólica). Registro esta minha compreensão em consonância ao que Brandão (2015) diz ser:

[...] nomes, palavras, símbolos, ideias, pensamentos, lembranças, sentidos e significados. Pois para ave que pousa num galho, a árvore é a sombra, o abrigo, uma referência no espaço de seu mundo e o fruto de que se alimenta. Enquanto para nós, seres da natureza habitantes da cultura, uma árvore é tudo isto e é bastante mais. Ela é um nome, um feixe de símbolos e de significados (2015, p. 61).

Podemos dizer que o saber envolve as diversas significações que os seres humanos expressam em seu contato com o ambiente que o cerca. Saberes que se diferenciam uns dos outros, pois cada cultura onde estes saberes se desenvolvem entre tramas e teias possuem suas especificidades e peculiaridades. Logo,

[...] as culturas humanas possuem situações de origens diferentes. Possuem trajetórias de interações com a natureza e com outras culturas também diferentes. Possuem, finalmente, ritmos de transações e vocações de realização de si mesmas e de seus sujeitos, também diferentes (BRANDÃO, 2015, p. 120).

Os saberes estão relacionados com a cultura, a natureza e as formas de convívio das pessoas em determinado lugar. O saber é o arcabouço de aprendizados inscritos em práticas, fazeres, formas de agir e de pensar. Portanto, existe toda uma riqueza de referências, de lógicas que transitam entre as gerações que participam de uma mesma cultura. Em termos mais claros, os saberes constituem-se formas interpessoais e de uma pedagogia do povo<sup>1</sup>, informal, ou seja, acontece a produção de “sistemas próprios de educação do povo, de formas próprias de criação e reprodução” (BRANDÃO, 1990, p. 57).

O estudo busca mapear o saber do povo e sua importância para a escola que é parte da comunidade.

A escola representa o saber escolar, o conhecimento científico, o aprendizado formal, ao mesmo tempo, ela é parte do contexto social a qual faz parte. Por um conceito de escola, pois como afirma Brandão (2015a),

---

<sup>1</sup> Sobre povo, estamos entendendo assim, “São sociedades que ocupam territórios, socializam restritamente a natureza, relacionam-se com outros grupos tribais, enfim, realizam-se sem, fora da ou à margem da *sociedade regional*” (BRANDÃO, s/d, p. 347-348, grifos do autor).

[...] O papel da creche e da escola aí é essencial. [...] a creche e a escola representam instituições alargadoras dos cenários de vida e do alcance das interações.

[...] uma boa escola cidadã é, em boa medida, aquela que reduz de maneira democrática e dialógica os espaços e tempos formais da educação, em favor de uma ampliação dos espaços e tempos formais/informais de socialização-formadora através de vivências mais livres e menos curriculares dentro de grupos de idade e de grupos de interesse.

[...] Afinal, aprendemos as gramáticas da língua dentro das salas de aula, mas aprendemos a gramática da vida entre ela e outros cenários de interações: da escola, na escola, entre a escola e a comunidade, fora da escola, inclusive nos pequenos, médios e grandes “paraísos da vida escolar”, chamados fins-de-semana, feriados e férias. E também contra a escola (BRANDÃO, 2015, p.115-116, grifos do autor).

Na prática, a escola do campo ainda carece atualiza-se aos moldes da vida concreta, no sentido de os educadores conhecerem a realidade na qual ela está imersa, carece ter a “cara” do contexto e da cultura local, contextualizada com comunidade, para que não aconteça a desvalorização dos sujeitos e conteúdos da gramática social do lugar, pois:

A cultura hegemônica trata os valores, as crenças, os saberes do campo ou de maneira romântica ou de maneira depreciativa, como valores ultrapassados, como saberes tradicionais, pré-científicos, pré-modernos. Daí que o modelo de educação básica queira impor para o campo currículos da escola urbana, saberes e valores urbanos como se o campo e sua cultura pertencessem a um passado a ser esquecido e superado (ARROYO e FERNANDES, 1999, p. 23).

Reiteramos, a cultura local, a identidade, o pensar e as manifestações no fazer e agir das pessoas ainda são recursos distantes da escola rural, segue-se o que vem de fora e nada mais. A referência local é esquecida.

E, a educação escolar, também é uma das formas do ser humano problematizar as múltiplas realidades, logo a ação educativa dos educadores se caracteriza como uma ação múltipla e fundamental, envolvendo as diversas metodologias, interações com os educandos, recursos e meios visando à construção de conhecimentos que passa entre outras exigências, a de articular com prática social e local.

Para dar conta desse ensino significativo é condição imprescindível a formação, o planejamento e o compromisso com a construção de um plano educativo de sala de aula e de projeto pedagógico da escola, tendo como âncoras do aprendizado dos estudantes. Tal plano e projeto perpassam pela mediação com o contexto da escola, da realidade local e da vida concreta dos estudantes.

Agora, em se tratando da conhecida educação ribeirinha, referencialmente alimentada por sua realidade local, exige do/a educador/a considerar tais pressupostos

para desenvolver uma prática educativa emancipadora e justa. Esta educação e o contexto ribeirão possuem peculiaridades que o diferenciam de outros.

Nesse pedaço da Amazônia há uma natureza qualitativamente distinta – relações de vizinhança e parentesco, mutirões em atividades de trabalho nas roças, práticas artesanais, em suma, dinamizam significações socioculturais. Nesse saber-fazer, a imbricação com o rio-mar é peculiar (POJO, 2016, p. 241)

O contexto é cultural, cultura é movimento, e ambos compõem a realidade comunitária, realidades com fortes relações qualitativas imbricadas com o meio entre rios e matas.

A educação visando a transformação e libertação humana tem caráter formativo continuado, se faz integrada aos saberes, se sustentada na problematização da realidade social, assim nos advertiu Paulo Freire (1987):

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres ‘vazios’ a quem o mundo ‘encha’ de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como ‘corpos conscientes’ e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo (p. 38).

Uma educação comprometida com os saberes que os educandos trazem consigo. Com respeito as diversas formas de manifestação dos saberes.

O contexto ribeirão possui características que ditam um modo de vida peculiar, um entendimento de vida ligado a natureza e a cultura como produção dos sujeitos. Especialmente, os saberes são aprendidos no convívio familiar, são movimentados pela interação com o meio, ou seja, o rio e a floresta são partes do repertório formativo dos estudantes e há domínios (conteúdos, linguagens, representações, simbologias) que esses sujeitos possuem, e são aprendidos-e-ensinados antes de adentrarem a escola. Sobre processos educativos na vida humana, Brandão (2006)

[...] por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado [...]. Tudo o que se sabe aos poucos se adquire por viver muitas e diferentes situações de trocas entre pessoas, com o corpo, com a consciência, com o corpo-e-a-consciência. As pessoas convivem umas com as outras e o saber flui, pelos atos de quem sabe-e-faz, para quem não-sabe-e-aprende (p. 06-07)

Os saberes oriundos de uma prática formativa extraescolar, como é o caso do conjunto dos saberes de ribeirinhos<sup>2</sup>, circulam e são transmitidos através das gerações

---

<sup>2</sup> O contexto ribeirão detém uma forma peculiar de entender, explicar, se relacionar, de produzir cultura e história ligados ao rio e as matas, tal constituição de pensamento afirma a permanência e a identidade dos seres que habitam este espaço. Este contexto ribeirão juntando-se com o entendimento social, que aqui qualifica-se como saberes, perfaz o que se representa aqui como saber ribeirão. Segundo Lima

como um acúmulo de informações dos antepassados; alguns são modificados/reinventados e outros preservados; eles ditam a forma de entender, de simbolizar e se relacionar com as matas, com as águas, com a natureza e com as gentes. Ainda, eles são úteis, pois eles explicam a realidade presente e o imaginário. Nesta mesma concepção, Almeida (2010) nos remete que

Ao lado do conhecimento científico, as populações rurais e tradicionais, ao longo de suas histórias, têm desenvolvido e sistematizado saberes diversos que lhes permitem responder a problemas de ordem material e utilitária tanto quanto têm construído um rico *corpus* da compreensão simbólica e mítica dos fenômenos do mundo [...] (p. 48).

Os saberes locais de ribeirinhos perfazem um arcabouço histórico, sociocultural, ancestral, de uma riqueza ímpar e sedimentado no saber-fazer dos moradores antepassados até aos atuais. Têm como alicerce a integração com a natureza.

Dentro do contexto ribeirinho encontra-se a escola, que tem um papel fundamental na valorização e disseminação do conhecimento, no empreendimento de uma pedagogia mediada pelo saber do povo, se tomar a realidade contextual dos educandos e, dessa forma tornar o ensino significativo, daí o sentido do título deste trabalho: O saber ribeirinho como vetor do trabalho pedagógico.

Este estudo se justifica em dar visibilidade ao processo ensino-aprendizado integrado a realidade local, contextual, social, vivencial, incluído seu contexto cultural familiar e de educação extraescolar. Uma educação contextualizada com a realidade e os saberes do povo ribeirinho. Tal perspectiva é ressaltada no art. 3º da Lei de Diretrizes Bases da Educação em que traz como integrante dos princípios do ensino, a valorização da experiência extraescolar (BRASIL, 1996, p.9).

Além disso, ganha relevância quando nos colocamos a problematizar a pedagogia sob esta perspectiva, com vistas a ressignificação das práticas educativas, as quais na maioria das vezes sucumbem os saberes ribeirinhos e a realidade histórica dos discentes.

Também, do ponto de vista educativo o estudo intentou visibilizar a potência da transmissão e sabedoria da cultura ribeirinha/amazônica que precisa ser preservada, divulgada e valorizada, a começar pela gente do lugar, passando pelo currículo da escola na localidade (na escola do campo), sobressaindo disso tudo um rico e significativo aprendizado de educando-educador. Ou melhor, estivemos na intenção de refletir sobre

---

(2013) este saber ribeirinho corresponde a “saberes herdados da matriz indígena-cabocla, lusitana e interpretados por outras culturas como a africana”. Estes são “conhecimentos referentes à caça, à pesca, identificação das espécies, [...]. Esses saberes estão entrelaçados às lendas, mitos, crenças e cosmogonias” (p. 98).

outros aprendizados/ensinamentos que validem uma consciência de pertencimento do povo ribeirinho. Até porque, como nos adverte Brandão (2002):

Educar é criar cenários, cenas e situações em que, entre elas e eles, comunidades aprendentes de pessoas, símbolos sociais e significados da vida e do destino possam ser criados, recriados e transformados. Aprender é participar de vivências culturais (2002, p. 26).

Assim, na ação educativa e pedagógica educadores e educandos são partícipes de vivências culturais, de aprendizados-ensinamentos mediadas por saberes que também estão na vida, os saberes diversos e vivos da comunidade. Atualiza-se, dessa forma, como afirma Brandão (2002) as interlocuções com a natureza, com a cultura, com as práticas sociais e com as vivências das pessoas. É isto, que defendemos ao longo deste trabalho para novas/outras matrizes educacionais, pedagógicas e curriculares às escolas de contextos ribeirinhos.

Para o desenvolvimento da investigação, galgamos os seguintes questionamentos: quais as lógicas de pensar e organizar a vida produtiva na comunidade rural-ribeirinha do Pirocaba. Tratou-se de saber quais são os saberes, como se produzem/reproduzem, como são transmitidos, a fim de uma problematização de valorização e sentido para o currículo escolar. Visando dar conta do estudo com o tema aqui situado, tivemos como objetivo geral mapear os saberes do povo desse rio, tomando suas lógicas de pensar, agir e fazer interrelacionando com a valorização e o sentido para o currículo escolar. Os específicos delinearam-se em compreender teoricamente o saber e a produção do saber na vida do ribeirinho, computando suas singularidades; caracterizar os saberes locais dos moradores (adultos e crianças) da comunidade, visando captar sentidos, significações e modos de transmissões e; refletir a partir dos saberes locais dos ribeirinhos do Pirocaba o currículo escolar da escola do campo (ribeirinho).

Como aporte teórico e balizador deste trabalho adotamos os pressupostos e ideias desenvolvidas pelo autor Carlos Rodrigues Brandão (2015), sem contar outros que também utilizamos como contribuição para o embasamento deste escrito.

Do legado teórico e prático do educador Carlos Rodrigues Brandão em sua vertente educativa e antropológica, inicialmente foram úteis suas discussões sobre povo rural, processos educativos e saberes-fazer. Assim, especialmente seu estudo na obra: “Nós, os Humanos: do mundo à vida da vida à cultura”, por se tratar de uma obra que traz relevante contribuição sobre cultura, e a partir dela estão imersos os saberes, sendo esta uma criação desenvolvida pelo próprio ser humano que detém o poder de transformá-la. Como afirma o autor, “Vivemos entre o mundo natural que nos é dado e

o mundo da cultura que criamos e que transformamos para viver e conviver” (BRANDÃO, 2015, p. 83). Este entendimento de criador e transformador do natural à cultura se atribui ao homem/mulher que vive em contexto ribeirinho.

As pessoas que moram nesse contexto, são árduas no compartilhamento de ações e saberes, de trocas e ajudas, de cuidados e forma integrativa junto da natureza, ou seja, entre pessoas partilham a vida que se organiza, se produz, se reinventa na direção do saber conforme veremos nas seções do trabalho. São saberes das águas, da agricultura, da pesca, do extrativismo etc. Segundo o autor, as pessoas “[...] criam sem cessar os saberes que partilham, e os sistemas sociais de partilha do saber a que em geral damos o nome de educação” (BRANDÃO, 2015, p. 82).

Como se observa o referencial do autor, especialmente com esta obra, nos ajuda a pensar a cultura, o cotidiano, o conjunto de saberes do povo ribeirinho do rio Pirocaba, pois na comunidade existe concretamente uma gama de saber e uma lógica de transmissão desse saber, por entre as gerações. No caso dessa transmissão ela ocorre “através do dom, da troca e da reciprocidade” os quais criam seu “mundo de vida e de destino” (BRANDÃO, 2015, p. 81).

Em complemento as ideias de Brandão, foram utilizadas no aprofundamento teórico as cartografias produzidas pela Comissão Pastoral da Terra – CPT<sup>3</sup>. Estas obras construídas pelos moradores da região rural e ribeirinha de Abaetetuba elucidam o saber do povo, suas lógicas, suas inferências e seu *modus vivendi* alinhado com o espaço entre rios e a floresta, entre interlocuções campo-cidade, entre produção e subsistência.

Como mencionamos entender e compreender as lógicas de produção da vida ribeirinha, é fundamental para perspectivar uma educação emancipadora cujas raízes, identidades, culturas e saberes-fazerem estejam presentes na escola. Para que esta escola com o rosto amazônico e alicerçada na ancestralidade ribeirinha aconteça na prática “[...] é preciso que cada ribeirinho e ribeirinha tenha clareza de sua identidade, pois um ribeirinho tem qualidades, riquezas, valores, fraquezas, belezas que um colono e um cidadão não têm” (CPT, 2006, p. 3). Suas características são peculiares, sua vida tradicional é singular. Suas simbologias amazônicas são saberes patrimoniais.

Estamos a tratar de características próprias, pois “[...] a cultura deste povo está presente, porém, ameaçada pelo bombardeio de outras culturas através da mídia, da educação bancária que ignora e às vezes ridiculariza os modos de ser e de falar do povo

---

<sup>3</sup> Respectivamente os exemplares: *Memória e Revitalização Identitária – Ribeirinhos e Ribeirinhas das ilhas de Abaetetuba*. Abaetetuba/PA, 2006 e *Memória e Revitalização Identitária*. Abaetetuba/PA, 2009.

simples, do povo ‘caboclo’” (idem). Dizeres como esses enfatizam a importância da cultura, por vezes negada, porém rica, como afirma também Brandão (2015). Cultura que dialoga perfeitamente com a realidade rural e ribeirinha do Pirocaba.

Metodologicamente esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, pois busca analisar as relações de transmissão, assimilação e produção de saberes do povo, tomando as relações entre pessoas, fatos e necessidades. Trata-se de uma pesquisa que procura captar os processos e suas formas de construção do conhecimento, nas lógicas de pensar-agir-fazer, com base nos referenciais assinalados.

No caso do estudo bibliográfico, houve a leitura e análise dos referenciais, fazendo uma revisão da literatura sobre o que é existente sobre o tema, especialmente fazendo relação entre saber do povo e o currículo escolar. Para Severino (1941), a pesquisa bibliográfica é aquela

[...] que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. [...] O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos outros estudos analíticos constantes dos textos (p. 122).

Ainda, tem-se por procedimento a realização de pesquisa de campo no *lócus*, Comunidade Pirocaba<sup>4</sup>, onde o pesquisador adentra o ambiente natural do lugar, interage com os moradores, e busca vivenciar, observar, coletar e registrar os modos de circulação e apropriação dos saberes. “A coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos, que são mais descritivos, até estudos mais analíticos” (SEVERINO, 1941, p. 123).

Para a coleta de dados e registros foram realizadas entrevistas com os adultos e crianças, visando conhecer os saberes advindos de sua formação social no contexto ribeirinho. Esta técnica é definida como “Entrevista, por sua vez, pode ser entendida como a técnica que envolve duas pessoas numa situação ‘face a face’ e em que uma delas formula questões e a outra responde” (GIL, 2002, p. 114-115). Nesta concepção o entrevistador planeja e organiza seus questionamentos e toma todo cuidado para que o

---

<sup>4</sup> No Protocolo de Consulta da Comunidade Pirocaba (2018), define-se como Comunidade do Pirocaba: “moradores(as) de todas as comunidades que estejam dentro do limite entre o início do Rio Tauerazinho (onde se dá o encontro das águas entre o Rio Tauerazinho, o Rio Pirocaba e o igarapé Pindobal, no furo da Curupira) e o início do Rio Jarumã (onde deságua o Rio Pirocaba), continuando o limite do Tauerazinho, Tauerá de Beja, Ramal do Maranhão, Apeí e o Jarumã Centro” (p. 13).

entrevistado se sinta à vontade, sendo que suas contribuições servem para uma análise ampla e vinculada ao entendimento pessoal de sua vivência.

Outro procedimento adotado na pesquisa foi à observação do contexto social, das vivências e relações de trabalho, dos modos de transmissão e reprodução do saber. Esta processou-se de modo contínuo e interagindo com a vida diária dos moradores. Nos atemos as suas ações nos espaços da natureza como o rio e a mata, suas interações por entre fazeres como remar ou pescar, suas vivências com os animais e no trabalho da extração de açaí, além das criações artísticas de utensílios e outras formas de representação. Este procedimento foi registrado, por meio de fotografias, sempre com a devida ética da pesquisa com humanos e em territórios tradicionais, conforme consta no anexo as devidas autorizações.

Vale ressaltar que além da minha condição de estar investigando, também sou morador da comunidade, assim tive que ter atenção a isso. No entanto, muitas dos exemplos, vivências e apontamentos traduzem a minha experiência de vida no lugar. Traduz minha atuação cidadã, participante e conhecedor da realidade a qual também pesquisei e escrevo neste trabalho. Significa dizer que também interajo com às atividades dos pescadores e extrativistas, entre rios e matas. Eu sou um ribeirinho, que domino saberes-fazeres que enriquecem não só a história da comunidade, mas faz parte da minha vida, compartilhada com minha família.

Outra forma de captar e adentrar no mundo ribeirinho foi através de uma oficina com algumas crianças na faixa etária de 4 a 8 anos. Com elas, interagimos no sentido de suas diferentes formas de se expressarem e de registrarem seus saberes acerca do lugar e suas formas de interação no cotidiano. Esta ocorreu em três momentos: a) motivação ao debate, através de uma exposição fotográfica com as crianças, cuja ideia foi instigá-las a falarem, exporem, dizerem sobre fatos, vivências e acontecimentos do cotidiano; b) registro escrito e oral sobre seus pontos de vistas do que significa viver na comunidade (o que fazem, do que gostam, suas brincadeiras e; c) a exposição dos desenhos, intermediado por um diálogo sobre as produções dos sentidos dados ao viver ali. Cada momento desse levou em torno de uma hora, contando com a participação de cinco crianças que residem as margens do rio, são filhos de pescadores.

Informamos que dá mesma forma, com as crianças foi esclarecido o estudo bem como solicitado a autorização delas e de seus responsáveis.

Tomando tais referenciais, processos e construção, estruturamos este trabalho da seguinte maneira. Na Introdução apresentamos o trabalho em si, as motivações, objetivos e a metodologia abordada no processo de investigação.

Na primeira seção, com base em teóricos do tema e na contextualização na vida ribeirinha, buscamos discutir os saberes-fazer, cotidiano ribeirinho e produção de vida.

Na segunda seção esmiuçamos mais ainda os saberes do povo piocabense. Para isso, trazemos as vozes, sentidos e outros registros da observação que retratam a vida dos moradores das margens. Nas considerações finais apresentamos alguns resultados da pesquisa bem como refletimos sobre a função social da escola em parceria com a comunidade e o valor dos saberes escolares ou não.

Em suma, o estudo perpassa os saberes, como se produzem/reproduzem, como são transmitidos, a fim de uma problematização de valorização e sentido para o currículo escolar, pois a comunidade participa, valoriza e dá importância ao que a instituição faz e constrói.

## SEÇÃO 1

### SABERES: ASPECTOS TEÓRICOS E DA VIDA NO CONTEXTO

#### RIBEIRINHO

Nesta primeira seção, a ideia é discutir o contexto geral que se encontra o saber ribeirinho. Para isso, circulamos por conceitos e extratos de vida dos/as ribeirinhos/as que abarcam a natureza, isto é, o ambiente onde estes sujeitos habitam e são ativos nela. Logo após, dizer dos processos identitários do ser ribeirinho, estes homens e mulheres, ligado aos rios e as matas, ligado a natureza do lugar. E em seguida a cultura local, a ação deste povo das águas sobre o meio e deste meio sobre eles, produtores e agentes da cultura. Por fim, elucidamos o saber, um produto do intercâmbio entre todos esses elementos.

Esta interface complexa e instigante, se fundamentará nos pressupostos de autores como Brandão (2015) em seu entendimento antropológico e educativo nos aspectos acima mencionados. E ainda, busca-se sustentação nas obras da Comissão Pastoral da Terra (2006, 2009) com os argumentos que dão validade aos conhecimentos e saberes do povo ribeirinho, somado as minhas experiências pessoais de morador ribeirinho da comunidade onde foi realizada a pesquisa. O certo é que buscaremos elucidar a configuração do saber na vida dos/as ribeirinhos/as da comunidade Pirocaba.

#### 1.1 Natureza

A natureza, se integra inteiramente aos que nela habitam. O ser humano faz parte do meio como um ser integrante da fauna, da flora, da paisagem local etc. Interligado a natureza, o ser humano habita, se alimenta, se reproduz e se produz com e na cultura. Ou seja, ao mesmo tempo em que este homem é parte da natureza ele pode modificá-la, sendo suas ações de profundo intercâmbio de trocas positivas ou não. Sobre essa questão, Brandão (2015) assinala que:

A natureza é o mundo que somos, de quem somos parte, e é também o mundo em que nos é dado viver. A *cultura* é o mundo que transformamos da natureza, em nós, à nossa volta e para nós (p. 43).

Partindo desta visão do autor, que define a natureza como o mundo que nos é dado viver, mundo este natural que se encontra diversos meios com climas, vegetações, redes hidrográficas, geológicas, faunas e floras específicos que caracterizam determinados ambientes.

Tratamos do ambiente natural amazônico, mais especificamente a natureza do território do município de Abaetetuba-PA que faz parte do conjunto dos territórios que compõe a região do Baixo Tocantins no estado do Pará. Neste ambiente abaetetubense encontra-se o *locus* da pesquisa, a comunidade Pirocaba.

Em referência ao território abaetetubense Machado (2008, p.10-11) compreende ser os domínios da floresta latifoliada amazônica que apresenta como característica geral a “abundância de lianas (cipós) e espíritas (trepadeira)”, uma variedade de árvores e outros plantios formando assim uma floresta fechada na qual “a umidade relativa do ar é elevada, em média 85% com amplitude de variação entre 81% e 90%”; o calor favorece o desenvolvimento de uma floresta densa, mais a presença dos rios e adjacentes que condensam um grande volume de água. Ainda segundo o autor nesta região de Abaetetuba registra-se “a existência de florestas de terra firme e florestas de várzeas” (p.11), características naturais estas visíveis também na comunidade Pirocaba.

Como mencionado anteriormente a espaço amazônico da região do Baixo Tocantins em Abaetetuba se configura, em parte, como um complexo de rios, igarapés e furos, de florestas e matas, de área de várzea. Na região deste município, os rios abundam nas localidades, povoados e territórios; são as vias de locomoção mais utilizados por povos que habitam as localidades de várzea, em ilhas ou rios. Tal locomoção depende de algumas especificidades da região, as marés. As águas com suas marés ditam o momento, o início e o término de ações, das rotinas e de práticas gestadas pelo povo ribeirinho. Há várias marés: cheia, vazante, preamar, lançante, quebra, repiquete. Além dessas marés há o fenômeno da “tapecuema”, que diz respeito a lua influenciando nas marés dando visibilidade a algumas partes do rio não vistas nas ditas marés normais, ou seja, nos dias e horários deste fenômeno a água do rio fica extremamente seca.

Neste arsenal aquático a fauna é abundante, destacando a espécie dos camarões de água doce, de peixes como mapará, arerú, tucunaré, acari, tralhoto, poraque, mandubé, ituí, turú, jacundá, caratinga, arraia, sarará, pirarára, cachorro de padre/anujá, pratiqueira etc. É uma imensidão de águas em vidas transitando por espaços e meios aquáticos que fazem parte da paisagem ribeirinha, sem contar na serventia de recursos constante nela como o alimento para cadeia de seres vivos que habitam na água ou na terra.

Na terra, o clima quente e o alto índice de chuva cooperam para a formação de uma ampla vegetação alta e fechada. Está vegetação se diferencia dependendo da característica do solo onde se encontra. O solo da floresta de várzea, onde a terra é encharcada devido o fluxo das marés, as espécies que ali crescem são adaptadas ao

grande volume de água que ali se encontra, tem-se neste espaço os açazeiros, mangueiras, mangueiros, jambeiros, taperebazeiros, miritizeiros/buritizeiros, cacueiros, árvores de jenipapo, bananeira, ingá etc. Nesse espaço natural, a área de terra firme constituída de florestas e matas há outras variedades de vegetação como a areia e a argila, a exemplo, encontram-se neste solo a castanheira, tucumãzeiro, maniva, laranjeira, ameixeira, piquiazeiro, anajazeiro, jutaf etc.

A fauna das florestas, também são em grande quantidade, animais que rastejam, no solo encharcado ou firme, se locomovem nos galhos, cipós ou mesmo no ar ou na água. Habitam neste espaço as mocuras, macacos, tamanduás, corocas, socós, saracuras, tatus, cuandus, aruás, quatis, perêmas etc.

Entre tantas vidas nestes espaços há espécies da flora que não são comestíveis, a exemplo a Ioioca que é um fruto semelhante pela cor e tamanho ao taperebá, mas não é comestível. E há espécies que crescem e se desenvolvem em ambos os solos, como o ingá e a bacabeira. A mesma característica se observa na fauna, há animais que o homem pode consumir como alimento e outros não, por exemplo o peixe tralhoto que não serve de alimento aos humanos. E ainda há espécies que habitam ambos os solos como o pato e os tatus.

Na comunidade Pirocaba como mencionamos estas características apresentadas são pulsantes no cotidiano e serão mais detalhados na segunda seção. Por ora, vimos como importante dizer que na comunidade o espaço contempla áreas de rios, de terra firme, de várzea, praias e compõe-se da flora e da fauna com características bastante semelhantes ao descrito do município de Abaetetuba. Um exemplo da natureza local que conversa com realidade do município são as travessias e deslocamentos das pessoas marcados pelo tempo e curso das águas, ou seja, na comunidade há um horário específico para se deslocar no rio. Se uma pessoa que mora na região das estradas quiser ir em uma embarcação de grande porte para a região das praias ela só conseguirá quando a maré crescer. Como vimos, as travessias de um espaço a outro obedecem ao tempo das águas com suas marés de cheias e vazantes, e esta realidade é compartilhada por outras comunidades do município.

Complementando ainda tal descrição da natureza e sua multiplicidade Brandão (2015) em referência à evolução natural assinala:

Aos poucos a natureza gerou seres vivos unitária e organicamente mais complexos e diferenciados. E seres que assim foram se tornando e transformando, porque, de espécie em espécie e na própria trajetória da evolução de cada uma delas, desenvolveram sistemas internos de interações da vida cada vez mais flexíveis, mais diversos e mais elaborados de trocas

com o meio ambiente, com outros seres vivos e com indivíduos e coletividades de sua própria espécie (2015, p.52).

Também, é oportuno trazer novamente a primeira citação do autor que menciona “A natureza é o mundo que somos, de quem somos parte, e é também o mundo em que nos é dado a viver” (p.43). Tal natureza pode ser inteiramente associada ao ambiente da comunidade Pirocaba, o ambiente desses homens e mulheres ribeirinhos que nos referimos aqui, pois eles habitam as margens dos rios, matas e florestas, se servem dos meios naturais para sua sobrevivência, sendo, portanto, o espaço dado pela natureza e por seus antepassados que ali viveram. E ainda, como um ser que é parte da natureza, como os demais da flora e fauna, este, também, mantém relações com os outros seres e com o ambiente.

## **1.2 Ribeirinho/a**

O/A ribeirinho/a como mencionado, é um ser integrante e parte da natureza. Outra definição para o termo é a do dicionário Aurélio (2009) que o define como o “1. Que anda ou vive pelos rios ou ribeiras. 2. Que se encontra ou vive próximo a rios ou ribeiras [...]”. Partindo-se desta definição estes homens e mulheres das ribeiras se configuram como os que vivem as margens dos rios, igarapés, furos, nas beiras e beiradas onde possui centenas de cursos de água. Na comunidade pesquisada existe o espaço de rio como o Pirocaba; os furos: do Pirocaba, Seco do Furo, Curupira, Tucupi, Coqueiro; o igarapé da ponte, Pindobal, além dos espaços das baixas que são nascentes e afluentes. Em todos esses espaços vivem pessoas. Pessoas com identificações próprias conforme é citado no dicionário. Vejamos como estas duas moradoras das margens identificam-se, morando nesses espaços:

Me considero nativa e sou ribeirinha não somente por morar aqui, mas por carregar comigo os costumes, as raízes que aprendi com meus avós e meus pais (Sra. Dulcilene B. Ferreira, entrevista em 11/2021).

Me identifico enquanto ribeirinha por conta dos meus antepassados que sempre viveram as margens dos rios e igarapés da comunidade e foram eles que me ensinaram a importância do rio, da floresta e da mata para nossa sobrevivência (Sra Dilmara S. Araújo, entrevista em 11/2021).

Estes relatos evidenciam que os moradores desse contexto amam viver integrados ao espaço de rios e das matas. Eles interligam-se ao mundo natural em seu conjunto. Os moradores das margens desbravam os rios com seu trabalho árduo de pescaria, realizam o trânsito pelas águas transcorrendo uma diversidade de furos e rios, por isso conhece

cada passagem do rio, os lugares onde há tronqueiras<sup>5</sup>, peixes, onde a maré seca ou fica funda. Ainda nesse conjunto natural, nas matas o povo dos rios sabe o melhor momento para caçar, sabe situar-se pelos caminhos, sabe das ervas curativas, conhecimentos estes visíveis nos diálogos e registros dos moradores do Pirocaba que veremos na segunda seção.

Estes homens e mulheres das margens, literalmente, são conhecedores e contempladores da natureza, na medida em que tem habilidades, destreza e sabedoria perante a floresta e, ainda, com respeito ao tempo da natureza e suas interações. Estes vivem o saber prático e de contemplação, interagindo com outros moradores e com o meio natural.

O povo ribeirinho, dessas comunidades especificamente, possui um modo de vida atrelado à natureza e aos recursos naturais e conhece, por experiência, os desafios encontrados e enfrentados na realidade social e cotidiana em que vivem. As intempéris da natureza não as amedrontam, muito pelo contrário, há respeito, não medo (POJO *et al*, 2012, p. 177-178).

Este povo dos rios são os seres que esquadrinham o conjunto, rio e mata, que se caracterizam, como já mencionado, por habitar as margens dos rios ou ribeiras, e ainda, por manter uma profunda relação de respeito e trocas com o ambiente que vive e é parte. Nesse sentido, um dos moradores assim relata: “Aqui eu como caboco ribeirinho que sou me encontro, encontro minhas referências e este chão é minha vida. É o local onde se vive em paz” (Sr. Luiz F. Amaral, entrevista em 11/2021). Estes seres humanos, amazônidas, moradores das margens do rio Pirocaba ou de outros rios são ribeirinhos.

### 1.3 Cultura

Os/As cidadãos/ãs ribeirinhos/as são pessoas que criam e se criam a partir da natureza, são produtores de cultura. Possuem uma profunda relação de troca com meio que vive e em sua necessidade extrai e cultiva muitos recursos disponíveis da terra e dos rios. Esta relação com o meio é geradora do trabalho na vida cotidiana, na qual eles criam coisas, códigos e crenças, como consequência desta sua ação integrada ao meio natural produzem história, processos identitários, produzem sua própria existência. Em consonância com este entendimento Brandão afirma:

[...] tudo o que criamos é cultura. Tudo aquilo o que nós, os seres humanos, desde algum dia e ininterrompidamente até hoje incorporamos ao mundo através de nosso trabalho motivado, reflexivo e dotado de significados, constitui o conjunto ordenado de nosso *mundo de cultura*. Assim, [...] podemos imaginar que a cultura envolve, articula e faz interagirem as múltiplas unidades e os diferentes sistemas de coisas, de objetos, de técnicas

---

5 Tronco de árvores preso no fundo do rio que dificulta a navegação.

de relacionamento com a natureza (a pesca, a caça e a agricultura), de processos sociais de saberes (da culinária à filosofia), de complexos de valores e as suas gramáticas e regras de posições e de relações sociais: quem é quem é quem para quem? Quem pode ou deve fazer o que com quem? (2015, p. 88).

Para um melhor entendimento acerca da cultura ribeirinha ilustramos com apontamentos com base nos valores, crenças e criações do pequeno mundo rural ribeirinho da comunidade Pirocaba.

### 1.3.1 Os valores

Quando Brandão (2015) afirma que a cultura envolve processos sociais e complexos de valores este faz menção as relações e regras de condutas que são desenvolvidas na sociedade. No caso, dos sujeitos ribeirinhos os valores também possuem suas peculiaridades do contexto, como em situações vividas no cotidiano. Por exemplo, desde pequenas as crianças são ensinadas a *respeitar* por seus familiares e vizinhos, e uma forma prática expressa é a *bênção*, isto é, as crianças *tomam bênção*, em sinal de respeito para com adultos os seus pais, tios, avós, padrinhos ou até os anciãos da comunidade. Ao chegar ou sair em algum lugar com grande número de pessoas, como em celebrações ou reuniões, estes cumprimentam cada um pegando nas mãos.

Outro exemplo trata do valor de uma partilha. Quando um pescador pega uma quantidade considerável de peixes é de costume ele distribuir com os vizinhos os peixes. Ou ainda, quando falta algo na dispensa da família e está se precisando com urgência recorre-se aos vizinhos para emprestar, assim fazem empréstimo de produtos como o açúcar, a farinha, o açaí etc.

Ainda nessa direção, existe também a presença do trabalho em mutirão entre os ribeirinhos/as, eles e elas se ajudam em *roçagem*, construções de casa etc. Vejamos uma exemplificação da cooperação em mutirão dos moradores da comunidade:

Fotos 1, 2 e 3: Mutirão de construção da sede da ASAPAP.



Fonte: Registros de Dilmara S. Araújo, 2020.

A própria condução da vida comunitária traduz um valor, valor humano no sentido de uma atitude de resistência coletiva. Na localidade as pessoas ainda conseguem se organizar por meio de sua organização social<sup>6</sup> para promoção do debate dos problemas da comunidade. Nestas reuniões são afirmadas parcerias e apoios com entidades sociais, sindicatos, entre outros a exemplo a FASE - Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional. Há, ainda, a socialização de ideias e de aprendizado da própria história local e de como se organizar para as lutas que vão na direção de afirmar suas melhorias de vida bem a resistência e a preservação da natureza e do espaço comunitário. A seguir, algumas imagens das ações na comunidade.

---

<sup>6</sup> Existe na comunidade a Associação dos Agroextrativistas, Pescadores e Artesãos do Pirocaba (ASAPAP).

Foto 4: Confeção de cartazes no encontro da ASAPAP.



**Fonte:** Registro de João Gomes. Arq.: Protocolo de Consulta Prévia, Livre e Informada (2018, p. 21).

Foto 5: Encontro da ASAPAP.



**Fonte:** Registro de Mylena Santana. Arq.: Protocolo de Consulta Prévia, Livre e Informada (2018, p. 17).

### 1.3.2 As crenças

De modo geral, na Amazônia e no Pirocaba, uma referência dos habitantes diz respeito ao sagrado, a fé ou ao sobrenatural. Para o povo das águas quase tudo se situa pelo intercâmbio homem-natureza, como a crença nos encantados, superstições e lendas. Suas decisões por vezes são baseadas na crença nos seres da natureza, algo sagrado. Isto é,

Quando a saracura canta na beira do rio a maré vai lançar, ou seja, a água vai crescer. Quando canta dentro da mata, a maré vai quebrar, isto é, vai baixar. [...] Quando é verão e a gente pode observar uma roda ao redor do Sol, é sinal de que o inverno que virá será muito forte. Mas se essa roda aparecer ao redor do Sol no inverno, então o verão é que será forte. [...] O pássaro chicuã quando canta está anunciando alguma desgraça envolvendo pessoas de perto. [...] Pato cantando alegre no terreiro, sinal de que vamos receber uma visita (CPT, 2009, p. 9).

As crenças ou superstições destes homens e mulheres estão carregadas de observações e saberes da natureza, tais saberes são transmitidos entre gerações. Isso se verifica na crença do canto da saracura relacionado com os ciclos das marés, e ainda, a observação do sol relacionado com a intensidade e período de verão ou de inverno.

E ainda, estas crenças na natureza estão ligadas à fé e ao sagrado que se expressam na identificação e respeito aos avisos dos animais, sendo estes anunciadores ou canais de uma comunicação entre os nativos e seres da floresta ou dos rios, como foi demonstrado pela interpretação do canto do pássaro chicuã anunciando uma desgraça e o canto do pato que comunica a vinda de uma visita.

Ainda fazendo parte do repertório de crenças, há uma infinidade de lendas e mitos vinculados às matas e rios que traduzem a história no ciclo interligado humano-natureza

amazônica cujos habitantes também são seres da natureza. A lenda da Cobra Grande, da Ilha da Pacoca, do Assobiador, da Mãe do rio, bastante conhecidos pelo povo tradicional do Pirocaba e de comunidades vizinhas. Outra bastante conhecida em Abaetetuba é a do “O Menino que virou boto”, conforme narrativa citada em obra da CPT:

Era uma vez um menino do Quianduba<sup>7</sup> chamado João Batista que gostava de tomar banho no rio a toda hora. Numa dessas vezes em que ele foi pro rio, ele viu boiar perto dele um boto. O boto se engraçou do menino, procurou brincar com ele e ficou amigo dele. O menino foi contar para seu pai que tinha um boto sempre querendo se aproximar dele, mas o pai não acreditou.

Noutro dia, o menino convidou o pai para ir tomar banho com ele no rio. O pai não queria aceitar, mas o menino insistiu até que seu pai foi.

O filho foi na frente e pulou logo na água. Depois o pai pulou atrás e percebeu que João Batista se afastava cada vez mais da beira. Então o pai o chamou, mas João não ligava para seu chamado. Foi então que o pai viu boiar um boto perto do menino e ficou desesperado. Nadou, nadou, mas quando estava mais perto o menino disse: ‘Adeus, Papai’. O pai, já desesperado, nadou mais tentando alcançá-lo, mas não teve jeito porque João Batista sumiu nas águas. O pai, então retornou ao seu barraco e, chorando, contou a seus familiares o que havia acontecido. Todos saíram à procura do menino. Já era 6h da tarde, escureceu e eles nada encontraram.

Um dia o pai de João Batista foi numa Mãe de Santo saber o que tinha acontecido com seu filho. Ela lhe disse que João foi encantado por um boto. E criticou o pai que não acreditou que João era médium.

Passados alguns dias o pai viu João Batista no mesmo lugar em que havia desaparecido. Por várias vezes apareceu para o pai que, por mais que se esforçasse não conseguia alcançá-lo. Depois começou a aparecer ao pai em forma de boto encantado toda vez que o pai ia tomar banho no rio (CPT, 2009, p. 21).

Por esta história, se confirma o crédito das pessoas em crenças e divindades presentes na natureza, como o boto encantado. O boto é um ser mítico, divindade do meio aquático, respeitado por pescadores e navegantes. Os/as ribeirinhos/as têm fé na natureza para explicar os fenômenos e acontecimentos de sua vida respaldando-se, várias vezes, em lógicas do sobrenatural como se pode entender na explicação do pai ao perder seu filho. Sobre essa questão Fraxe (2004, p. 20), explica “o caboclo busca desvendar os segredos de seu mundo, recorrendo a mitos, lendas [...]”.

Os seres encantados que estão no plano do sagrado no contexto ribeirinho de Abaetetuba, onde se inclui o Pirocaba, se manifesta, pelo menos, de quatro formas distintas sendo a primeira a Pajelança; a segunda o Culto Afro-brasileiro; a terceira as Igrejas Católicas/Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e a quarta as Igrejas Evangélicas.

No que se refere a primeira, a Pajelança, o sagrado é evidenciado pelos pajés e as benzedadeiras, cuja prática é de culto a entidades da floresta que se manifestam em

---

<sup>7</sup> Rio que faz parte das ilhas do município.

assombrações, doenças, quebranto, olho gordo etc. Em seus ritos são produzidas sessões de cura com a indicação de remédios oriundos de plantas medicinais, e ainda se constata a forte inter-relação do homem com a floresta, expressa pelo respeito e obediência aos mandamentos e regras desses seres e encantos.

Esta manifestação foi presenciada por Souza em 2011 ao realizar uma incursão de pesquisa nas ilhas de Abaetetuba. Pesquisando sobre os saberes culturais do povo ribeirinho, a pesquisadora entrevistou uma “rezadeira” ou “benzedeira”, a Dona Ana, como popularmente é conhecida. No diálogo com esta senhora, Souza (2011) evidenciou os conhecimentos naturais das ervas e algumas entidades da floresta como o “Curupira”, os dois alinhados ao sagrado, conforme afirma a autora:

[...] uma senhora, - ‘rezadeira’ ou - ‘benzedeira’, a quem podemos chamar de Ana. [...] Dona Ana possui outros saberes, que é de produzir remédios. Ela afirma, quando alguém requisita uma medicação, garrafada, ela vai para o mato e na feira, comprar o material, e tem que ficar com a pessoa no pensamento, sendo que cada pessoa há um único remédio. Ela avisa que Curupira existe, e é um bicho traidor, faz a pessoa que está no mato se perder, e para clarear o caminho de volta tem que saber fazer um nó, numa corda, e jogar por cima do ombro. Como ser lendário, a Iara tem cabelos que parecem ouro. ‘[...] Se alguém pisar no rabo da Iara e puxar o cabelo dela, para não contar o segredo dela, ela dá uma varinha de condão [...]’ (SOUZA, 2011, p. 142).

A segunda, o Culto Afro-brasileiro, que na comunidade Pirocaba não temos uma presença mais acentuada, a ressaltamos ainda assim devido ser uma manifestação sagrada em comunidades vizinhas e os moradores do Pirocaba manterem relações. Nele, realiza-se o culto por meio de entidades da natureza, no entanto, se destaca os elementos de representação e entidades desse grupo afro religioso. Há ritos de recepção e oferendas às entidades, evidenciando também a obediência e o respeito às regras das entidades naturais. O/a ribeirinho/a convicto/a do sagrado de cunho afro-brasileiro orienta seu viver levando em conta sua crença e sua fé em tais entidades.

Foto 6: Culto Afro-Brasileiro de Quilombolas no Tauerá-Açu.



Fonte: CPT, 2009, p. 14.

Já a terceira manifestação refere-se ao sagrado do povo das águas, que vem de longa data na região ribeirinha de Abaetetuba, manifesta-se no culto e programações festivas e religiosas com festas de santos e bastante marcado pelo intenso trabalho das CEBs, vinculadas a igreja católica. Geralmente, as festas seguem um ritual durante sua programação com destaque para o início e o término. Inicia com o erguimento do mastro que possui uma bandeira na ponta, juntamente aos adereços da festa há as ramadas<sup>8</sup> e as rezas com o santo e ao término ocorre uma programação mais animada encerrando com a descida do mastro e a rebentação da remada. Este tipo de manifestação religiosa ainda é muito evidente nas regiões ribeirinhas de Abaetetuba-PA, no Pirocaba há a comunidade do Nossa Senhora de Nazaré, a qual segue este mesmo ritual.

Foto 7: Cartaz da festividade de N. Sra. de Nazaré do Pirocaba



Fonte: Registro de Luiz Cleibson F. Amaral, 2021.

Ainda, de cunho religioso católico, existem as esmolações de santo. Se processa com um grupo de foliões que saem em canoas a remo de casa em casa abençoando as famílias e coletando alguma pequena importância para custear as despesas dessas

---

<sup>8</sup> Bandeirinhas com ramos de flores e frutos.

viagens. O fato é que as CEB's fundaram várias igrejas, centros comunitários e grupos de pessoas; constituíram nesses espaços grupos da fé religiosa católica e um trabalho de conscientização política e social nas comunidades. Os santos são parte do sagrado em rituais de rezas e festas, cujas comunidades possuem seu padroeiro.

A quarta manifestação do sagrado são as igrejas evangélicas de cunho protestante. Estas juntamente com o catolicismo, já mencionado, tem por missão a pregação da palavra de Deus escrita no livro sagrado, a Bíblia. Diferentemente do catolicismo estas referenciam sua fé somente nesta obra.

Estas religiões são ativas nas comunidades e parte da vida dos/as ribeirinhos/as que norteiam suas condutas, posturas e valores, na medida em que busca o entendimento o espaço como dado por Deus, o qual se manifesta em suas vidas diariamente. “Por toda a parte, e nos mais diversos planos da vida cotidiana sempre há e atuam códigos de conduta, ao lado de mitos e de crenças, de contos e cantos, de poemas e outras falas que traduzem ideias, ideologias, éticas e religiões” (BRANDÃO, 2015, p. 44). Ou seja, este povo das margens conduz sua vida por códigos e condutas que expressam sua fé, sua crença, possuem direções de valor e de visão de mundo, sendo que o povo do Pirocaba também partilha desta mesma noção de sagrado, rituais e crenças.

### **1.3.3 A criação**

O homem trabalha, modifica e cria a partir da mediação com a natureza, parafrazeando Karl Marx em *O Capital* (1867). Os ribeirinhos e ribeirinhas do Pirocaba são naturais da Amazônia e da comunidade, estes são os *que andam ou vivem pelos rios ou ribeiras*. O trabalho deles está ligado à sobrevivência da vida no espaço-tempo ribeirinho, logo estes criam os meios, artefatos, saberes e estruturas, em suma, produzem lógicas próprias que dão sustentação a sua perpetuação nos lugares que habitam. Voltamos, novamente, ao início deste escrito, para retomar a questão da natureza alicerçada pelo entendimento de Brandão (2015, p.43), quando afirma relação da natureza com a cultura, no sentido de que “[...] a cultura é o mundo que transformamos da natureza, em nós, à nossa volta e para nós”.

Dessa forma reiteramos, o homem cria e transforma a natureza, o homem se transforma pela mediação com a natureza e a cultura. O homem é produtor de visão de mundo, parte do construto cultural. A ação do homem perpassa por várias dimensões da vida e de suas próprias produções, isto é, este age na criação de códigos, de signos e de saberes-fazeres. Age na criação de materiais, artefatos etc.

O povo ribeirinho do Pirocaba e de outras comunidades em constituição histórica criou meios de comunicação característico do seu grupo, são meios voltados aos contextos em que os sujeitos se encontram e na inter-relação entre a comunidade e suas visões de mundo, conforme se evidencia no arquivo da CPT: “O povo ribeirinho das Ilhas de Abaetetuba como caboclo amazônida que é, tem um modo todo seu de falar. Muitas de suas palavras são de origem tupi e demonstram a resistência desse povo” (2009, p.10).

Parte desse repertório está registrado na obra *Glossário Abaetetubense* de Jorge Machado (2005), a qual foi utilizada como referência na obra *Memória e Revitalização Identitária*, da CPT. A seguir alguns vocábulos e suas significações dessa forma de linguagem cabocla ribeirinha e amazônida:

Aricá: Paneiro rústico feito de cipó traçado; Atorar: Cortar, decepar; Baquiado: Indisposta, com saúde abalada; Buiado: Estar bem de vida; Cambar: Dobrar, fazer uma curva; Camueca: Preguiça, embriaguez, mortinha, cansaço; Disque: Dizem que (2009, p. 10).

Além dos vocábulos há ainda adjetivos ou até mesmo substantivos que são atribuídos há uma determinada pessoa; são os famosos apelidos atribuídos aos moradores. Na Comunidade Pirocaba há um senhor que seu nome é Antônio, mas é comumente conhecido como Carrado. Existem outras pessoas que são chamadas de zebra, neguinho, mangá, flor etc.

Na região ribeirinha se pratica a arte criativa de transformar matéria-prima oriunda da natureza em alimento, bijuteria e outros artefatos. São recursos que estão nos espaços das águas e da floresta. Nos detemos aqui em dois exemplos, os produtos do açaí e do cacau, os quais passam por processos que abrangem técnicas com trabalho minucioso e árduo. O/a ribeirinho/a colhe o açaí em sementes, estas depois de escolhida passam pela técnica do branqueamento, em seguida o açaí é amassado à mão ou em máquinas com o adicionamento gradual de água para finalmente se obter o vinho.

Do cacaeiro<sup>9</sup> plantado no quintal da casa deste povo colhe-se o cacau, retira suas sementes, amassa com água para obter suco, posteriormente às sementes são expostas ao sol para secar durante três a quatro dias. Feito isso, o processo que se segue é a *torra* das sementes em fogo brando, seguida se descasca e a tritura no pilão ou liquidificador. Como resultado se tem o pó que pode ser levado ao fogo com outros ingredientes, como leite e açúcar para a feitura do chocolate.

---

<sup>9</sup> Nome científico, *Theobroma cacao*.

O certo é que na produção e vivência dos/as ribeirinhos/as, da comunidade Pirocaba e outras comunidades de Abaetetuba, no meio natural são construídas suas criações e seus processos identitários, sempre levando em conta sua subsistência familiar e de grupo. Vale ressaltar que algumas destas criações ora se configuram como arte ora como recursos de apoio, a exemplo as panelas de argila, os potes, paneiros, entre outros.

São parte da produção com a argila e outros recursos naturais como os cipós, as talas, as sementes, a madeira, e até mesmo partes do corpo de animais como suas penas, ossos, escamas etc. Ou seja, evidencia-se a plena integração do humano com a natureza do lugar e do espaço.

Ainda nessa direção, com a argila se produz diversos utensílios e objetos como vasos, pratos, tigelas, potes, moringas, panelas etc. Nestes, são desenhadas representações da flora e fauna ribeirinha.

O brinquedo de miriti é outra arte ribeirinha, muito presente no Pirocaba, o município de Abaetetuba no estado do Pará é o centro de produção e exportador desta arte que gera o sustento para várias famílias da região não só das ilhas. A base de matéria desta arte está em fibras extraídas do braço de buritizeiros e através destas são confeccionados brinquedos em formatos de barcos, animais e outros artefatos como flores, casas, gaiolas, molduras de quadro etc.

Fotos 8 e 9: Produção artesã da comunidade Pirocaba.



**Fonte:** Registros de Ivan Leal, 2020.

Também, estes utilizam outras fibras da natureza com as quais são produzidos utensílios de uso nas localidades ribeirinhas como os paneiros, matapis, tipitis, aricás, abanos, redes etc. Para ilustrar, os paneiros fundos ou rasos, são feitos com talas e servem para colocar sementes, alimentos, raízes e até mesmo para armazenar roupas ou prender animais. São inúmeras a sua utilidade, a depender do ato criativo do homem e da mulher que reside no campo.

Foto 10: Paneiros de Açai e Camarão



Fonte: Registros de Luiz Cleibson F. Amaral, 2020.

Para o meio aquático são produzidos os seguintes artefatos que servem de apoio ao trabalho. São exemplos, o caniço, o remo, o pari, o espinhel, matapi, embarcações diversas, redes de pesca. Vejamos o uso do matapi. Estes homens e mulheres das águas preparam cedo a isca<sup>10</sup>, logo após com a maré cheia sai entre os rios armando a captura dos camarões que são atraídos pelo cheiro da isca e ficam presos no utensílio, normalmente no outro dia com a maré vazante são retirados d'água.

Para a locomoção pelos rios, furos e igarapés as mulheres e homens ribeirinhos usam embarcações que são as rabetas, os cascos e outros, estes são próprios para suportar as mareas ou tombos na água. Enquanto, no meio terrestre ainda se utiliza da madeira, da palha para construção de suas casas.

Estas criações estão em função da perpetuação dos/as ribeirinho/as na natureza, sejam estes do Pirocaba ou não, pois ela lhe confere utilidades de intercâmbio entre homem e a natureza. Mostra-se dessa forma um modo de vida que se perpetua o saber e o viver nessas localidades. Com os recursos da natureza são produzidos instrumentos de trabalho, de locomoção, para a criação de animais e o cultivo.

---

<sup>10</sup> É uma poqueca feita com ração de farelo e babaçu amarradas em sua tala.

## 1.4 Saber

Nesta seção como mencionamos, são retratadas as dinâmicas do meio natural, a natureza em si com sua exuberância e variedade de paisagem e de espaços a partir das práticas sociais dos moradores, evidenciando o município e, mais precisamente, a comunidade do Pirocaba. Trata-se de um município com uma natureza de ambientes naturais em contextos rural, de ilhas, de estradas, de ramais. Estes espaços são compostos com áreas de várzea, de terra firme, de beira de praias, de igapós, igarapés, furos e rios. Neste espaço se evidencia a presença da floresta e dos rios, conforme registro do professor Jorge Machado (2008) e nas obras da CPT (2006, 2009).

É neste meio natural apresentado que se encontram os moradores/as do Pirocaba que habitam e andam pelas ribeiras ou rios, que criando e desbravando a floresta e o espaço que lhes foi dado por seus antepassados. Estes homens e mulheres das águas vivem um profundo intercâmbio de troca com a natureza, em um contato de subsistência e de construção cultural de um jeito próprio, uma espécie de autoafirmação com o lugar, o que remeta a sua identidade, suas crenças e valores.

Por meio da cultura e de sua relação com a natureza estes homens e mulheres realizam suas criações culturais e produzem saberes. Saberes estes que vêm sendo acumulados ao longo do tempo, sendo transmitidos de geração em geração através da prática da oralidade e da produção da cultura que são expressos pelo pensar, agir e fazer deste povo. Nesse sentido, o pensamento de Arroyo (1999) é uma forma de síntese do que estamos tratando aqui, sendo “Outro traço cultural seria o predomínio da oralidade no convívio, nas relações sociais, na transmissão dos saberes, das tradições, da memória, das identidades, dos aprendizados” (ARROYO, 1999, p. 20).

Estão contidos nesses saberes valores, crenças, as várias técnicas de criação de produções. Ou melhor, evidencia-se por estes saberes a vida do/a ribeirinho/a, seu relacionamento com a natureza, sua história e sua ancestralidade amazônica. Pois como já mencionado este é uma “herança” dos antepassados.

Na obra de Carlos Rodrigues Brandão (2015) “*Nós, os Humanos: do mundo à vida, da vida à cultura*”, tratada nas reflexões deste texto, quanto aos pressupostos da cultura humana três dimensões são enfatizadas: o agir, o fazer e o pensar, assinaladas na sequência com vistas a discutir mais um pouco sobre a produção de existência do povo ribeirinho.

Para Brandão, nesta obra, o agir está imerso em todas as sociedades e registrado na lógica de pensamento de todo ser humano. Para explicá-lo o autor se vale de um

exemplo do cultivo da mandioca como comida, inclusive, trata de um plantio e produção bastante conhecida na região de Abaetetuba-PA e na própria comunidade do Pirocaba. Diz ele, “Existem em todas as sociedades preceitos reunidos em códigos ou gramáticas sociais que prescrevem quem, em que local, sob que condições pode plantar, deve cuidar e pode arrancar do solo e levar para sua casa raízes de mandioca” (p. 114).

Entende-se que em cada contexto social se produz um plano lógico de aprendizado conduzindo as decisões e atitudes das pessoas que fazem parte daquele grupo, o agir nesse caso se remete a um saber.

Nesse lugar os moradores utilizam praticamente esta mesma lógica no cultivo e plantio não só da mandioca, mas também no extrativismo do açaí. Precisamente, na colheita do açaí os moradores obedecem a algumas regras lógicas ditadas pela natureza, assim o tempo da colheita ocorre basicamente entre os meses de agosto a outubro; enquanto a preparação do açaizal ocorre noutro período que não coincide com a época da safra. Ou seja, por aqui também as pessoas são ditadas por tempos, momentos, regras e normas associadas a própria natureza amazônica, e que tais sujeitos desses contextos internalizam como conhecimento e transmitam como saberes no dia a dia da comunidade.

No que se refere ao fazer, o autor ainda seguindo com o exemplo do cultivo da mandioca, assinala:

Podemos dizer que esta é a esfera em que uma criança aprende com sua avó como se arranca a mandioca da terra; como se descasca cada pedaço aproveitável da raiz, e como, com outros ingredientes simples, se prepara um prato de mandioca-frita (p. 114).

Partindo desse pensamento podemos afirmar que o cultivo e a degustação da mandioca pressupõem um fazer. Melhor ainda, pressupõe um saber-fazer, no sentido de uma ação prática ou pragmática, subordinado a regras que ditam como se desenvolve tal coisa ou ação. Com este exemplo o autor confirma a existência de um saber pragmático, de caráter preciso, em suma, um saber essencialmente imerso no fazer.

Ainda com o exemplo do extrativismo do açaí, podemos dizer que o fazer envolve o conhecimento prático em relação a este fruto, envolve o manuseio com as mãos, o fazer a peconha, a técnica de subir no açazeiro entre outros. Na minha vivência como morador, é a *apanhação*, isto é, subir nas árvores, que em distintos momentos por tentativas e erros, repetições e comandos, com adultos experientes aprendi esta prática. Posso dizer que aprendi brincando, tentando, praticando.

Foto 11: Criança apanhando açaí.



**Fonte:** Registro de Luiz Amaral, 2021.

Na dimensão do pensar, Brandão (2015) aprofunda mais ainda seu exemplo da mandioca, direcionando à lógica cultural operante em cada grupo social, vejamos:

Através de nossos gestos cotidianos um sistema cultural opera. Basta você prestar atenção ao que se come todos os dias e, também, em dias especiais, para observar que não ‘comemos comida’, mas alimentos. E não nos ‘alimentamos apenas de alimentos’, mas de símbolos que partilhamos também através do que comemos e do que nos alimenta (p. 114-115).

Diante desta reflexão pode-se extrair o entendimento que há um saber operante sobre os grupos sociais, isto é, as pessoas formulam e trocam saberes, o ser humano é uma fonte inesgotável de saber, segundo o autor. Saber que são produzidos pela e com a cultura. Saber local, vivo e partilhado por todos como regras de condutas visões de mundo, isto é, um saber cultural operante.

Ainda, sob o saber do manejo do açaí, e sob a lógica de Brandão (2015) na dimensão do pensar, vemos que essa prática é um conhecimento cultural que perfaz tal dimensão. Também, novamente faço uso da minha condição de morador. Assim, as minhas lembranças da infância estão ligadas ao extrativismo do açaí, quando acordávamos cedo, íamos para o centro da mata fechada e a minha mãe fazia uma espécie de tapete com folhas de palmeiras do açazeiro e ali eu brincava com pequenos cachinhos de açaí. Enquanto isso, ela e meu pai entravam mata adentro para colher os frutos nas palmeiras, seguiam por horas naquele trabalho árduo e ao final do dia tinham cinco a seis rasas de açaí. Desta forma, estava garantida a venda na feira da cidade pelo meu pai logo pela manhã bem como uma outra parte do açaí servia para nosso alimento desde o café

da manhã, transformado em mingau para mim e minhas duas irmãs. Em nossa cultura local e paraense, o açaí é comida que sacia a fome em diversos momentos do dia a dia.

Esses exemplos e lembranças são extratos do que se vive, ainda hoje, grande parte das crianças e adultos com o extrativismo do açaí. Denotam uma realidade cultural do povo paraense, abaetetubense e piocabense, obviamente que com muitas distinções. Mas, são extratos de formas de transmissão de saberes, de como são transferidos através das gerações, assim se hoje eu sei apanhar açaí foi-me um aprendizado no convívio com meus pais ainda na minha infância; se hoje eu gosto de tomar o vinho desse fruto é porque fui experimentando esse costume; se hoje eu sei da labuta de muitos moradores nesta forma de extrativismo é porque aprendi o seu valor e na presença viva da luta. Ter brincado de apanhar açaí enquanto meus pais trabalhavam, foi fundamental para o aprendizado da cultura do fruto como alimento e tomá-lo no almoço, no café e no jantar. Saberes locais que se inscrevem em minha história de vida e que, de certa forma, estão bastante associadas a prática do comer açaí de muitos moradores.

A tabela abaixo expressa as três dimensões sob a organização comunitária com o extrativismo do açaí que é praticado na comunidade:

**Tabela 1 – O extrativismo do açaí praticado por moradores**

Lógicas próprias			
Dimensões	Saberes do açaí		
Agir	<p><b>Tempo da colheita:</b> Os moradores obedecem ao tempo da safra do açaí, que ocorre basicamente entre os meses de agosto a outubro. Fora desse período o açaí está seco, e amadurecendo ou não, há fruto nas palmeiras. Ou seja, é um tempo ditado pela natureza.</p>	<p>No <b>preparo do palmito</b> há algumas regras de corte da palmeira que devem ser seguidos. Não se pode cortar a rama da palmeira em tamanho muito curto que venha a aparecer o miolo do palmito, pois isso fará com que ele murche e atraia insetos, como os besouros, para roer o palmito. Além disso, se o preparo do palmito for demorar por mais de uma semana o recomendável é deixar mais algumas copas/cascas para preservá-lo.</p>	<p>O <b>preparo do açazal</b> deve obedecer a algumas regras, deve-se retirar as árvores de outras espécies com copas altas que venham fazer grandes sombras e prejudicar o desenvolvimento dos frutos de açaí. Entretanto, envolta do açazal algumas árvores baixas que não sejam palmeiras de açaí devem permanecer para não prejudicar o equilíbrio do solo, das abelhas e outros animais que dependem da natureza.</p>
Fazer	<p><b>Subir na palmeira</b> requer muitas tentativas, prática e persistência. Esse fazer se inicia geralmente como uma brincadeira entre as crianças. O portar-se na palmeira, a junção das mãos, a preensão dos pés na palmeira são fazeres desta prática é melhor</p>	<p><b>Debulhar:</b> Na ação de retirar os frutos do cacho do açaí, um dos braços deve estar apoiado para cima, os dedos das outras mãos devem encaixar-se entre os talos do cacho. Em seguida, fecha-se a mão juntamente com os talos e puxa para baixo, obedecendo a direção da boca do paneiro. Porém,</p>	<p><b>Tecer a peconha:</b> é preciso escolher uma folha de palmeira bem nova, pois elas são mais resistentes. Põe-se a ponta do talo mais grosso debaixo do pé, aperta-se e em seguida faz-se a torção da folha de modo que as folhas fiquem presas entre si, feito isso coloca-se na cintura ou</p>

	compreendido praticando e tentando.	antes desta ação deve-se retirar os frutos verdes do cacho, os secos, alguns ninhos de passarinhos, ou insetos que venham prejudicar ou atrapalhar este processo. Se aprende com a prática, de inúmeras tentativas.	nas canelas e, faz-se, um nó unindo nas pontas.
Pensar	O <b>extrativismo do açaí</b> é uma cultura que se transmite faz muito tempo e entre gerações. Um saber ancestral da região amazônica, e os que praticam se acostumaram a respeitar a natureza, diferenciando-os de outros tipos de extrativistas. Trata-se, assim, de uma cultura particular de um grupo de trabalhadores.	<b>Alimentar-se de mingau</b> no café da manhã é um costume que garante a saciedade por mais tempo durante os dias de trabalho árduo nas matas ou rios, ou seja, constitui-se algo comum na vida do trabalhador da natureza e é transmitido ainda hoje.	A <b>utilização de palmeiras</b> para a construção de casas ainda é uma cultura presente entre os moradores. Isso porque o caule da palmeira é um material resistente, biodegradável, de fácil acesso e sem custo para os moradores. Uma cultura de integra-se com a natureza.

Org.: Luís Amaral, 2021.

Na sequência, buscando aprofundar as três dimensões fazer, agir e pensar que perfazem a construção do saber, expresso na obra de Brandão (2015), trazemos mais alguns apontamentos sobre o saber ribeirinho da comunidade Pirocaba, conforme segue. Nesse sentido, reafirma-se a ideia de cultura, da natureza, do cotidiano ribeirinho enquanto marcadores de produção pelos moradores e que estão presentes nas concepções de Brandão (2015), principalmente no tocante a reprodução do saber e dos seres humanos como seres que protagonizam tais saberes. Sem contar ainda, com a perspectiva de tecer comentários sobre o currículo e a escola do campo (ribeirinha).

### **Saber agir**

O saber agir faz referência aos códigos, a regras, a preceitos sociais dos/as ribeirinhos/as, os quais ditam o tempo, quem, onde, como, para quem, com que finalidade etc.; determinado agir deve ser empregado.

O saber agir corresponde às lógicas e normativas que conduzem a ação deste povo das águas. Diz respeito a algo mais preciso, ao domínio das vicissitudes da natureza, em relação ao modo da vida social, laboral, entre outros; construídos a partir da vivência, da experiência, da observação, do manuseio ou do contato com o meio natural e social. Um exemplo, é o domínio sobre as marés para saber o melhor momento de fazer uma travessia em uma rabeta do rio Pirocaba até a orla da cidade de Abaetetuba.

Neste saber, se encaixam também o conhecimento das estações para a colheita e o plantio; o tempo para a criação e a caça de animais; o local mais apropriado para a pesca com matapi. Significa dizer que para viver em um contexto de rios é condição ter conhecimento da geografia territorial local que compõe os rios, os caminhos nas águas, os atalhos na mata, os tipos de solo, e ainda, a condição de habilidade e domínio de uma pessoa para exercer determinada função, seja da parte de cura com planta medicinal, da fabricação de rabeta, do trabalho na roça, como exemplos.

Territórios ribeirinhos como o Pirocaba ainda prevalece o aprendizado vinculado a oralidade, pelo diálogo e troca, são processos sociais que ocorrem no dia a dia em que os experientes (normalmente anciãos) ensinam e oralizam suas experiências de fazer, de agir e de pensar com os mais novos. Suas formas de abordagem se apoiam em explicações, exemplos, metáforas, histórias, fatos.

Um agir bastante presente e parte das minhas vivências são as travessias. Travessias que dizem respeito aos deslocamentos nos espaços entre águas dentro ou fora da comunidade (de uma margem a outra num passeio de crianças, entre trapiches casa-escola, de uma localidade até a beira/feira da cidade, de uma beirada de casas à outra etc.), regido por um plano lógico tratando da temporalidade da natureza com suas marés conforme mencionamos. Existe assim toda uma obediência às características dos espaços-tempos durante os deslocamentos, pois no rio o comando é da água rasa, dos troncos de árvores submersos, e o/a morador/a precisa conhecer toda essa adversidade geográfica e do ambiente natural, para fazer a opção do transporte adequado, as rabetas, rabudos, cascos ou outro tipo de barco. E, o aprendizado deste saber circula por meio de explicações orais dos adultos com outros adultos e, também, com os pequenos durante um percurso. Isto nos mostra que:

[...] Durante quase toda a história social da humanidade a prática pedagógica existiu sempre, mas imersa em outras práticas sociais anteriores. Imersa no trabalho: durante as atividades de caça, pesca e coleta, depois, de agricultura e pastoreio, de artesanato e construção. Ali os mais velhos fazem e ensinam e os mais moços observam, repetem e aprendem (BRANDÃO, 1997, s/p.)

É confirmado pelo autor a existência de uma pedagogia própria e do povo, anterior aos ensinamentos da escola e esta realidade evidencia a circularidade do saber entre o povo, pela cultura. São protagonizadas lógicas de ensinamento e de aprendizados pautados no agir cotidiano associado a observação, repetição e diálogo. Saberes que circulam entre gerações, em grupos com idades distintas. Julgamos que estes saberes se

inscrevem em um currículo prévio a escola, e é essencial para a sobrevivência e perpetuação no espaço das águas e matas do Pirocaba ou outro espaço semelhante a este.

### **Saber fazer**

Diz respeito à prática, a técnica, o manejar e o próprio ato de fazer, pôr a mão na massa como se diz costumeiramente. Ou seja, o saber pragmático e laboral aprendido e observado na prática. Trata do fazer e agir sobre, e por vezes com o acompanhamento técnico de uma pessoa com experiência. Na comunidade do Pirocaba são presentes o saber fazer de técnicas laborais do manejo do açaí, o cultivo de mandioca e da produção da farinha, da colheita do cacau, de formas artesanais de pesca, da feitura de carpintaria naval, a produção artesanal de remédios naturais, de formas de caçar.

Vamos contextualizar o que estamos dizendo com a caça, um fazer que também está no plano do saber fazer. Na comunidade, por diversas vezes adentrei a mata para caçar animais para consumo próprio. Caçar inclui algumas características específicas aprendidas através da prática e fazendo, o que no meu caso e de muitos outros moradores é ensinado por familiares e estando no meio da floresta. Nesse espaço o silêncio e os movimentos corporais precisam ser cuidadosamente pensados, os cheiros do animal devem ser sentidos por nós nos troncos das árvores ou em suas copas. Ainda, é exigido um olhar atento aos movimentos do animal e sobre as trilhas com suas pegadas deixadas na mata. As armadilhas postas para captura dos animais são, normalmente, produzidas com recursos naturais retirados da natureza, sendo seu esconderijo/camuflagem devidamente em comunicação com aquele espaço natural. São fazeres vividos durante uma caçada, que também são transmitidos na própria feitura, isto é, durante o fazer de uma caça, usamos o diálogo, exemplos, a tentativa e o erro.

Este saber fazer é aquele requerido em uma ação prática ligada as regras do fazer, as técnicas, ao domínio de habilidades específicas. Leva-se em conta o aprendizado de uma ação em mediação com meio que o sujeito está inserido, e ainda, exige o diálogo, a exemplificação, a correção entre pessoas, geralmente exige ter uma pessoa mais experiente, o qual cumpre o papel de mediador, nesse caso, de modo informal se processa um modo de ensinar-e-aprender.

Foto 12: Crianças remando



**Fonte:** Registro de Luiz Cleibson F. Amaral, 2020.

A imagem acima evidencia muito claramente o saber do agir entre duas crianças, sendo que a mais experiente ensina os comandos do remar a sua irmã mais nova que está aprendendo. Diz de uma prática meio comum por aqui, figurativa do brincar de remar no rio.

### **Saber pensar**

O saber pensar volta-se as visões de mundo, as lógicas e sentidos transmitidos em determinado grupo através de um sistema cultural, o qual opera sobre estes. Em um plano hereditário ou de herança cultural, tal saber pensar corresponde ao arcabouço de saberes acumulados pelos ancestrais e imersos na cultura de um grupo social.

Sua propagação se dá por meio das relações sociais, do fazer e do agir no cotidiano da vida, de suas representações e costumes adotados em um lugar. Trata-se da cultura pulsante, externalizada e compartilhada no cotidiano associada a dimensão do pensar. Brandão (2015, p. 90), contribui com esse entendimento em termos mais claros:

O que existe como cultura são teias e tramas ordenadas e ordenadoras de significados e de orientação da conduta das relações entre os homens e a natureza e entre categorias de homens, entre eles. Vivas e realizadas em diferentes ordens de transações e reciprocidade.

O autor reafirma a ideia da cultura como parte de um plano que ordena e orienta a conduta humana, a qual se reflete nas relações da e na vida, ou melhor, é um conjunto de saberes normativos que orientam a vida e suas relações com a natureza e os outros, as pessoas.

Faz parte do saber pensar na cultura ribeirinha o ato de tomar açaí no almoço e jantar, comer com farinha de mandioca; o dormir em redes; tomar mingau de açaí ou miriti/buriti; usar paneiros para guardar, armazenar ou ornamentar a casa. Tais ações costumeiras elucidam convicções de um modo de vida, isto é, representam um pensar

comum do caboclo amazônico, especialmente em comunidades rurais e ribeirinhas como o Pirocaba.

O saber pensar em um determinado grupo social pode ser dito como único e específico, pois sinalizam as singularidades de uma localidade, seus processos identitários e da cultura desta região, embora haja aproximações com outros lugares.

No Pirocaba, um saber pensar muito evidente são as formas potenciais pensadas e promovidas pelas organizações sociais, precisamente as conduções realizadas pela ASAPAP. Culturalmente, os moradores se organizam para discutir problemas comuns que afetam a todos, e nesse momento são confrontadas e aprendidas visões de mundo, de direitos, de como agir em prol da resistência pelo território. E ainda, por parte de lideranças religiosas eles se organizam para celebrar a fé, as conquistas familiares e do lugar, os matrimônios. São organizações compartilhadas por seus membros, e que em muitas de suas ações as crianças acompanham. Eu como morador e participante desse movimento posso dizer que na comunidade existe uma permanente luta conjunta para que nossos direitos sejam legitimados, um marco que nos diferencia de outras comunidades.

Em uma visão mais esclarecedora estes saberes do fazer, do agir e do pensar são formas naturais e operantes, lógicas próprias e singulares, modos de vida e de produção enraizados pela ancestralidade amazônica, pela cultura local de povo ribeirinho do Pirocaba em sua diversidade. Estão imersos na maneira que os sujeitos estabelecem suas inter-relações com as diversas gerações, com os antepassados, com o afro-paraense e o abaetetubense nesse atual meio social, que transversalizam a cultura da localidade no cotidiano. Para ilustrar, não é simplesmente a ação de deitar-se em redes, mas os benefícios que os ancestrais descobriram nesta prática que se perpetua no ‘mundo amazônico’ e ribeirinho, atual. Outro exemplo, é o ato de tomar açaí com farinha, que se trata de uma mistura que o paraense, de modo geral, gosta, devido um saber que sacia a fome e foi transmitido entre as gerações.

Em suma, nesta seção foi enfatizado a natureza do município de Abaetetuba – PA, mais especificamente, a região ribeirinha, onde situa-se esta investigação, trata-se de um composto de variedades naturais e de produções sociais por sujeitos ditos ‘ribeirinhos’ cujas práticas formam um todo da cultura. Neste espaço se encontra um grupo de indivíduos que não só habitam como também mantêm uma profunda inter-relação de trocas e dependências com a natureza e toda sua diversidade ancestral, ecológica e produtiva. Como consequência desta inter-relação temos a cultura destes homens e

mulheres margeados, das beiras e espaços dos rios, que por esta mediação são potenciais em saberes, um saber, próprio, contextualizado, vivo e de grande significância para a perpetuação da vida humana e das espécies nessa região ribeirinha.

De outro modo, a natureza da comunidade Pirocaba tem aproximações com a natureza do município, cujo espaço se apresenta com uma variedade natural diversa e múltipla, e a diversidade que é o campo da região e da própria cidade. Assim, os elementos cultura, natureza e saber sustentam o grupo de habitantes desse lugar, e com uma profunda expertise com as águas, com trocas e dependências com a natureza do lugar de modo geral. Habitantes imersos na riqueza da cultura local e o saber que é reproduzido no cotidiano da produção da vida.

Partimos, nesta seção do entendimento de Brandão (2015; 2006) que se insere na formulação de algumas que são baseadas na relação com o ambiente, “saber/pensar/agir”. Sempre associadas pelas interações das práticas tradicionais. Tais dimensões nos ajudaram pensar uma noção mais estruturada acerca da constituição, transmissão e circularidade do saber. Por estas construções buscamos refletir acerca dos saberes do povo das águas, que perfaz a vida tradicional do povo ribeirinho. Partindo desta ordem de pensamento associada a realidade do contexto e vida de habitantes ribeirinhos, vimos o quanto os saberes estão imersos em lógicas, condutas, fazeres, ações e na cultura produzida por esses sujeitos. Saberes que se misturam, que estão em rede, isto é, se interligam dando sentido, vivacidade e inscrevendo a história do Pirocaba.

O agir alinhado às lógicas, o fazer na ordem da ação e o pensar inscrito na produção de valor, perfazem três dimensões que são parte da cultura e da sedimentação dos saberes. Saberes esses que não são fixos, mas se complementam entre si, o que segundo o autor, tais dimensões evidenciam a configuração do saber na vida da comunidade e tal distribuição de raciocínio, do agir, fazer e pensar abarcam segmentos distintos da vida ribeirinha e expõe o conhecimento inscrito em seu viver tradicional.

Em suma, nos dirigimos a dizer um pouco do que Brandão *et al* (2006, p. 05, grifos do autor) considera ser:

- *técnicas do fazer*, como as tecnologias diretas do trabalho produtivo, de que são exemplos o arar um campo, o ordenhar uma vaca, ou o fazer um queijo com o seu leite;
- *técnicas do agir*, como os sistemas patrimoniais de preceitos e princípios da ação social produtiva, tais como os que estabelecem a gramática das relações entre familiares, parentes e vizinhos camponeses no processo do trabalho cotidiano;
- *ideologias do trabalho*, como os diferentes sistemas de fundamentos legitimadores de percepções/compreensões das relações sociais da produção (ideologia da prática econômica) e das relações sociais a elas associadas

ou delas derivadas, com foco sobre aqueles que embasam e legitimam os relacionamentos entre sociedade e meio ambiente;

▪ *visões de mundo*, como sistemas mais amplos e integrativos do que ideologias parciais e que as integram, de que são bons exemplos às religiões populares.

Entendimentos como estes do autor sintetizam nossas reflexões em relação ao conhecimento deste povo das águas, e que aprofundamos na próxima seção.

## SEÇÃO II

### SABERES-FAZERES DO POVO DO PIROCABA

Nesta seção nos debruçamos em detalhar alguns dos saberes do homem e da mulher, das crianças, idosos e dos jovens que residem as margens das águas da comunidade Pirocaba, isto é, procuramos compreender como se reproduz, se configura, como circula o saber no dia a dia e na vida.

Como rota evidenciamos o ambiente da comunidade buscando caracterizá-la em sua configuração geográfica, social e cultural dos espaços e movimentações na localidade, com destaque a questão do movimento de resistência que estes homens e mulheres desempenham pela preservação deste espaço, da vida e da cultura tradicional. Sua condição educacional junto das crianças, pois temos como perspectiva apontar possibilidades formativas para escola. Assim, na sequência o enfoque é do saber na vida cotidiana dos ribeirinhos da comunidade, considerando os interlocutores e o processo de investigação.

Para Brandão (2015) somos seres que partilhamos e produzimos cultura, pensamentos, ideias, saberes. Somos seres sociais detentores de saberes-fazerem apreendidos com e entre outros. Assim, [...] nos mais variados lugares e nas mais diversas situações, pessoas e grupos de pessoas em interação estão fazendo algo e partilhando saberes e fazeres (BRANDÃO, 2015, p. 114).

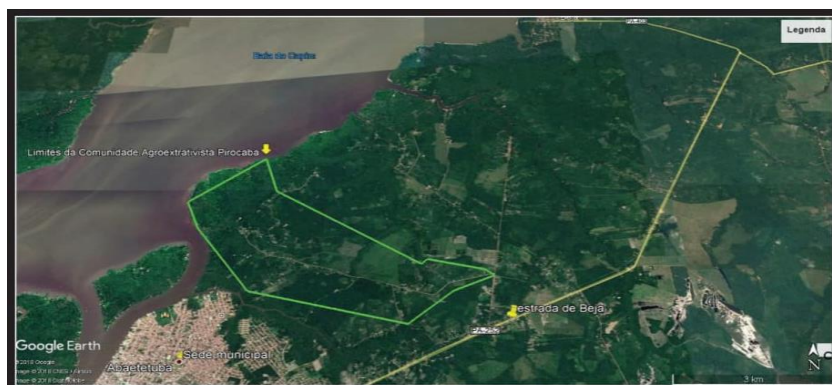
Saberes-fazerem, relaciona-se à “gramática dos ofícios entre todos”, de uma espécie de endo-transmissão entre gerações e entre categorias de pessoas; “modos e domínios” a partir dos bens do fruto do trabalho e que entre pessoas fazem circular os rituais do saber. São “técnicas do fazer”, como as formas de uso e manejo dos recursos naturais. Em suma, trata-se de uma “prática do trabalho-ensino” Brandão (2009). E continua, somos seres de pedagogias próprias e criamos constantemente nossos saberes-fazerem.

Tomando este arcabouço teórico nos instigamos a compreender os saberes-fazerem do Pirocaba em seu contexto e em sua singularidade com a natureza ribeirinha.

#### 2.1 O ambiente

Em termos mais precisos a “Comunidade do Pirocaba localiza-se no município de Abaetetuba, no estado do Pará, Amazônia brasileira” (PROTOCOLO DE CONSULTA, 2018, p. 5). Sua extensão geográfica é visível no mapa que se segue:

Foto 13: Comunidade Pirocaba



Fonte: PROTOCOLO DE CONSULTA (2018, p. 2).

A área territorial da comunidade é situada e identificada pelos moradores que ali vivem como a região que compreende,

O início do rio Tauerazinho (onde se dá o encontro das águas entre o rio Tauerazinho, o rio Pirocaba e o igarapé Pindobal, no furo da Curupira) e o início do rio Jarumã (onde deságua o rio Pirocaba), continuando o limite do Tauerazinho, Tauerá de Beja, Ramal do Maranhão, Apeí e o Jarumã Centro (PROTOCOLO DE CONSULTA, 2018, p. 13).

A extensão geográfica da localidade se divide em três sub-regiões que compõem o território da comunidade que são a região das estradas, a região ribeirinha e a região de praias, cada uma com características específicas, conforme trazemos cada uma delas, dito pelos moradores e moradoras do lugar.

A região das estradas compõe-se de áreas de terra firme e da mata, onde o meio de locomoção se dá por veículos como bicicletas, carros e motos. Há a presença de trilhas, ramais e caminhos interligando vilarejos, casas, comércios, e nesta região a terra é a base para o sustento de muitas famílias com a agricultura familiar, a caça, o extrativismo da mandioca, pimenta, cupuaçu, entre outros e, a criação de galinhas, patos e porcos.

Na região ribeirinha evidencia-se a presença de igarapés, rios e furos, os moradores vivem as margens dos rios em pequenos vilarejos e se mantêm basicamente da pesca, da extração do açaí, da caça e de pequenos comércios. Os meios de locomoção são os aquáticos como as rabetas, os cascos e barcos.

Por última, a região das praias assim como a ribeirinha esta região é influenciada diretamente pelas águas, sendo que aqui nesta região da comunidade encontra-se a presença de grandes faixas de areias as margens do rio com vegetação própria, como os

aturiás. Há poucas famílias residentes, mas as poucas que ali vivem e as que se deslocam do rio para este espaço desenvolvem as atividades de pescaria ao longo da região, o extrativismo do açaí, o cultivo de mariscos e moluscos e a caça.

O povo se auto identifica como populações tradicionais agroextrativistas, o que é afirmado no protocolo de consulta da comunidade:

Vivemos principalmente da pesca, da agricultura, do artesanato e do agroextrativismo. Existem registros de nossos ancestrais aqui nesse território desde o período de 1890, mas há relatos de que a nossa comunidade existe há mais tempo. Desde então, os nossos modos de vida, as nossas práticas tradicionais de produção e as práticas culturais nos são ensinados de geração em geração (PROTOCOLO DE CONSULTA, 2018, p. 5).

Os moradores desta comunidade vivem a partir deste território, vivem em função da sobrevivência conjunta do meio e deles próprios baseando seus modos de vida em cooperação com a natureza, modos de vida estes transmitidos de geração em geração. Segundo o Decreto N° 6.040 de 2007 da Casa Civil estes povos de comunidade tradicional como a do Pirocaba são compreendidos como:

I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

Como já mencionado os homens e mulheres dessa comunidade são pescadores, extrativistas, agricultores, caçadores, artesãos, comerciantes entre outros. Estes mantêm uma organização interna ativa envolvendo os Sindicatos, Grupo de Jovens, Associações, Grupos Religiosos e Colônias de pescadores. Através destas organizações são deliberadas as lutas e resistências sociais. A exemplo, a principal de todas, pois ela engloba todos os grupos residentes no espaço comunitário, é a Associação dos Agroextrativistas, Pescadores(as), Artesãos(as) do Pirocaba (ASAPAP).

Na comunidade ribeirinha, onde realizamos a pesquisa, a cultura é pulsante, pois os diversos grupos que ali residem manifestam seu modo de vida, sua arte, seu pensamento, sua religiosidade, sua identidade, seja através do trabalho diário, na arte com o miriti, na tecelagem, na pintura ou até mesmo no próprio modo de se vestir. A cultura é externalizada, também, no trato de homens e mulheres com a terra e com o rio. Ainda, no modo de pensar a comunidade e se pensar nela. A seguir algumas exemplificações da sua cultura:

Foto 14: Dia a dia do ribeirinho na comunidade



**Fonte:** Registro do Protocolo de Consulta (2018, p. 9).

Foto 15: Brinquedos de miriti



**Fonte:** Facebook: Rio-Ramal Pirocaba, 2021.

Em meio a esta trama cultural vivida, os valores do povo são importantes para eles, como exposto na seção I. Se evidenciou as trocas, as ajudas, as formas diversas de organização, com exemplos acerca do trabalho em mutirão para a roçagem de um quintal ou outra tarefa, fazendo com que haja uma cooperação entre os vizinhos, parentes, aquele grupo. O povo pirocabense é um povo de partilha, quando algum morador sai para pescar é costumeiro entre eles, convidar o vizinho para ir lhe fazer companhia e ajudar naquele dia de trabalho, e o quantitativo de peixe conquistado é repartido entre eles. No plantio de um roçado para se fazer farinha ou carvão a partilha entre pessoas da comunidade também acontece. Nesse sentido,

Os saberes em contextos rurais confirmam, ainda, um viver humanizado fazendo frente a essa sociedade demarcada pela visão de cooperação entre familiares, interação da vizinhança, convívio com a natureza, sob o qual esses sujeitos mantem consigo valores, costumes, identidades e culturas singulares (POJO *et al*, 2012, p.195).

Tais valores, costumes e formas comunitárias de fazer as coisas estão presentes no cotidiano.

Ali, como mencionamos há inúmeros artistas e trabalhadores do campo e das águas, que criam e recriam a natureza em sua volta, desenvolvendo assim suas identidades em mediação com a cultura local. No artesanato existente na comunidade são produzidas joias, artefatos de decoração, utensílios para o trabalho como os paneiros, a *peconha* para subir nas palmeiras, o urucum para tingir a comida. Tais produções feitas com as mãos denotam a realidade tradicional de um povo ainda alinhado com seu modo vida, de interlocução com a natureza viva, com relações saudáveis entre vivinhos e entre as gerações. “Tudo aquilo que criamos a partir do que nos é dado, quando tomamos as coisas da natureza e as recriamos como os utensílios da vida social, representa uma das

múltiplas dimensões daquilo que, em uma outra, chamamos de cultura” (BRANDÃO, 2002, p. 22).

O autor confirma a cultura relacionada aos sujeitos sociais e a natureza de uma comunidade.

### 2.1.1 As lutas sociais

Entender e compreender esta comunidade é pensá-la também sob a perspectiva de ser um espaço de resistência e lutas sociais. No caso da comunidade, ela vem sendo impactada pelos grandes projetos que está ligado ao interesse do grande capital e a comunidade encontra-se em alerta para isso. São vidas, culturas e o bem viver postos em conflitos com o velho paradigma do desenvolvimento, lucro e expropriação da natureza. O modo de vida tradicional que atualmente ainda existe, de natureza viva, em pé e preservada é uma das finalidades das lutas sociais da comunidade para a sua preservação. No entanto,

Desde a década de 80 quando foi instalado o complexo industrial Albrás Alunorte no município de Barcarena a nossa comunidade está sendo prejudicada. A poluição do ar provocada pelas chaminés das fábricas é trazida pelo vento diretamente em cima de nós (ASAPAP, 2018, p. 5).

Atualmente, tem-se discutido a implementação de um projeto portuário em uma comunidade vizinha, na localidade do rio Urubuéua, este projeto se utilizará da rede fluvial deste espaço que é compartilhada pelos pescadores das comunidades vizinhas como o Pirocaba.

Está na cidade de Abaetetuba, no estado do Pará, na ilha de Urubuéua, em frente à Ilha do Capim e o Furo do Capim. O município tem grande tradição de comércio fluvial. O Terminal será instalado em um terreno de aproximadamente 400 hectares com excelente profundidade para navegação e transporte por barcaças e navios. Com o Terminal, a Cargill pretende completar o sistema de operação pelos rios da Amazônia (Site da CARGIL, s/d).<sup>11</sup>

Foto 16: Área de implantação do porto da Cargil.



(Fonte: *site* da CARGIL, s.d)

<sup>11</sup> Fonte: [https://www.cargill.com.br/pt\\_BR/abaetetuba-localizacao](https://www.cargill.com.br/pt_BR/abaetetuba-localizacao). Acesso em 25 de maio de 2022.

Com base nessas informações entendemos que o projeto influenciará na região da baía do capim, onde muitos pescadores utilizam os rios para a pesca. Lembrando que a baía do capim banha a região das praias do Pirocaba e os rios da comunidade desaguam e sofrem influência das marés vindas desta baía para o interior do rio. Mais uma vez, são de rios e praias que o povo ribeirinho da comunidade busca seu alimento como o camarão, os moluscos, o acari-bodó<sup>12</sup>, o peixe arraia nessa região praiana; no rio o camarão, o tucunaré, a pescada-branca, o mapará, dourada entre outras espécies são encontradas.

Pensando na preservação das espécies animal e vegetal, mais a sobrevivência dos habitantes a comunidade como um todo, luta e resiste pela conservação da vida nessa área de praias. Sobre a questão, uma das conquistas da comunidade foi à construção e efetivação do Protocolo de Consulta Prévia, Livre e Informada do Pirocaba, este organizado com base na Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Trata-se da luta organizada pela associação dos moradores que contempla desde o ribeirinho das praias até o trabalhador da região das estradas. Também, ainda se conta com a ajuda de outras organizações comunitárias como a Colônia de Pescadores, a Associação Nossa Senhora do Parto, o Movimento de Jovens do Pirocaba.

É importante dizer que é notável na comunidade a presença e a liderança das mulheres à frente da organização social. São mulheres que amam a natureza, trabalhadoras, mães de família, filhas, tias e avós, são elas que na ausência da figura masculina lutam diariamente para o sustento de seus filhos ou de si próprias, buscando no labor da pesca, do extrativismo do açaí, da agricultura familiar ou do pequeno comércio o pão de cada dia, a conquista de sua dignidade. São guerreiras do Pirocaba, lutando diariamente pela igualdade de gênero, pelo território comum para todos, pois ali se encontra seus laços sua família e sua vida. Assim, consta na carta da Associação, “Mulheres (porque nós também fazemos parte dessa sociedade), temos essa luta dentro da comunidade, somos a maioria” (ASAPAP, 2018, p. 16-17).

Também, como parte da luta do povo temos a escola. Escola Ribeirinha viva e dialogando com o saber popular. É a Escola Municipal Educação Infantil e Ensino Fundamental Deocleciana Pereira de Araújo<sup>13</sup>, nome dado em homenagem a uma das

---

<sup>12</sup> Nome científico dos respectivos animais acari-bodó, peixe arraia, tucunaré, pescada-branca, mapará e dourada: *Pterygoplichthys Sp*, *Potamotrygon hystrix*, *Cichla ocellaris*, *Plagioscion surinamensis*, *Hypophthalmus marginatus* e *Brachyplatystoma flavicans*

<sup>13</sup> Dotada pelo código do INEP: 15065421, conforme dados informados pelo assistente administrativo da escola.

primeiras moradoras locais que na época cedeu o terreno para a construção da instituição. Esta instituição de ensino existe há uns quarenta anos segundo relatos de moradores, iniciando suas atividades numa casa de madeira do Sr. Francisco e, um bom período, a Sra. Deocleciana cedeu o terreno para a construção da mesma, onde é o prédio atual escola. O prédio comporta três salas de aula, uma área livre descoberta, dois banheiros, uma copa, um refeitório, secretaria e um corredor com calçada.

Sua localização é bem situada e combina com o território, pois fica em um vilarejo que faz divisa com as áreas de rios e de estradas. Atende 137 estudantes que residem nesse contexto, sendo 42 da educação infantil e 95 do ensino fundamental, que estão distribuídos em duas turmas da educação infantil e quatro turmas do ensino fundamental.

Desde 2021, a gestora da escola é a Prof. Rutilene Pinheiro, por indicação da gestão municipal. Ela busca uma articulação com a comunidade que se dá mediante encontros de pais e responsáveis dos alunos, por meio das programações culturais realizadas na escola em parceria com a comunidade. Vale ressaltar que a gestora mora numa comunidade vizinha, ramal do Maranhão, o que acaba facilitando por ela conhece a realidade do campo, partilha e vivencia os percalços do viver no mundo rural.

A escola possui conselho escolar ativo e presente. Fazem parte do corpo docente seis professores/as e uma profissional de apoio escolar (cuidador), ainda como parte do apoio há duas serventes, uma merendeira e quatro vigias.

Foto 17: Escola Deocleciana Perreira de Araújo



Fonte: Site da prefeitura de Abaetetuba

## 2.2 A circularidade do saber

Levando em conta a realidade ribeirinha da comunidade, nos atemos em captar os saberes deste povo, como estes estão imersos na vida cotidiana que circunda e vive

pelos rios, buscando entender como estes saberes são transmitidos. Ou seja, os saberes são externalizados na vida cotidiana entre pessoas, nos espaços e de que modo. Anteriormente, na seção I, pontuamos sobre as dimensões do saber segundo Brandão (2015) que são o agir, o fazer e o pensar. Entendemos que eles estão presentes na vida dos ribeirinhos do Pirocaba.

Foto 18: Reunião da ASAPAP



Fonte: Registro da ASAPAP, 2018.

Foto 19: Encontro das Mulheres da ASAPAP



Fonte: Registro da ASAPAP, Facebook.

Ressaltamos que os moradores do Pirocaba compreendem o campo a partir das áreas de terra firme, dos rios e das praias, no entanto, neste escrito evidenciamos apenas a região dos rios e das praias, áreas onde a maioria dos ribeirinhos e ribeirinhas se encontram morando, trabalhando, se divertindo, enfim, percorrem nesses espaços.

Tais imersões em campo nos auxiliou para levantarmos os saberes, perceber seus viveres e como se processa o saber na vida prática. Dessa forma, adentramos nos sentidos, significações, modos de transmissão, na constituição e utilização do saber no dia a dia das pessoas, isso tudo embasado pelas dimensões do saber, agir, fazer e pensar conforme descreve Brandão (2015).

Ao fazermos a escuta das vozes das pessoas da comunidade podemos inferir que os saberes locais como parte da vida do ribeirinho do Pirocaba, estão relacionados com as dimensões do agir, do fazer e do pensar apontado pelo autor. Nessa direção, expomos outras vozes que dizem da realidade local, captadas durante as entrevistas.

Um marco significativo referindo-se ao saber agir foi-me exposto durante diálogos com os moradores. Neste relato, a entrevistada traz à lembrança, um tempo não muito distante e vivenciado com sua avó, cuja expressão era sobre os saberes relacionados ao agir no tocante as relações do homem com a natureza:

Eu lembro que quando a gente sentia alguma dor no estômago a minha avó já ia pegar uma folha de boldo para fazer o chá para a gente. Essa relação com plantas medicinais eu trouxe para mim hoje, eu tenho um cantinho que eu

tenho um maior ciúme dele porque ele representa para mim não só o poder da cura, mas também o poder do conhecimento que eu aprendi com minha avó (Sra Dilmara S. Araújo, entrevista em 11/2021).

Com base neste relato fica evidente que a moradora sabe bastante das plantas medicinais, seus usos e seus efeitos no corpo humano. Analisando com base no pensamento de Brandão (2015), ao expor que não são apenas as coisas da terra, mas as tessituras de palavras, de regras, de códigos e de gramáticas sociais, de imagens e de ideias partilhadas que em nós tornam possível o viver e o conviver em meio ao ambiente natural.

Saberes como estes dizem do saber agir, por ser a avó, conhecedora do uso e indica para pessoas específicas tomar ou consumir. Tais saberes obedecem a regras e são parte das condutas e procedimentos adotados por moradores. Que os conhecimentos transmitidos na vida cotidiana são construídos entre as pessoas, são pautados em seus costumes e crenças, são aprendizados que os adultos partilham com os mais jovens através do diálogo, da exemplificação. São conhecimentos de remédios naturais que se não forem produzidos com cuidado, seguindo regras de preparo, manuseio, corte, quantidade, pode vir a prejudicar as pessoas, por isso a importância e o cuidado no aprendizado deste saber.

Em meio a variedade de saberes que estão imersos na vida dos ribeirinhos e ribeirinhas, alguns registros mostram o viver deste povo das águas. São registros do agir, do fazer e do pensar das pessoas em cenas que exemplificam o como, onde, em que contextos tais saberes são socializados, transmitidos, aprendidos, conforme a imagem:

Foto 20: Pescador cortando isca



Fonte: Registros de Jeffrey Wendel S. Araujo, 2019.

Nesta imagem vemos um pescador preparando a isca para pesca. Neste processo, o pescador escolhe algumas espécies específicas de peixes, como arapáia ou

filhote, cujo corte obedece determinado padrão de tamanho para que possa caber no anzol. Complementando, o pescador na imagem está usando uma camisa amarrada na cabeça, mostrando que práticas como estas relacionam-se a um saber de proteção contra os raios solares, ou seja, um saber que dita como o pescador deve se portar e por que de usá-la. De outro modo, tais saberes figuram na dimensão do agir, norteado por regras que ditam como, em que condições, com que finalidade as ações e os modos de se portar devem ser editados por eles.

Tabela 2 – Pescaria praticada por pescadores.

Dimensões do agir, pensar e fazer presente na pescaria		
Saberes	Descrição	Aprendizado
Corte de Isca	No preparo da isca, o pescador deve obedecer um determinado padrão no corte do peixe que servirá como isca, pois o tamanho influencia no resultado da pescaria, pois se o corte for em tamanhos grandes os peixes pequenos não serão capturados. Inclui ainda, o peixe que servirá como isca não pode ser qualquer um, e sim aqueles que são de fácil corte e tenham odor forte (pitiú – cheiro forte) para atrair outros peixes.	Como já dissemos são saberes transmitidos através do diálogo entre os pescadores. Geralmente, são ensinados/aprendidos durante a pescaria quando os aprendizes, em iniciação na vida de pescador, vão com seus pais para o rio.
Pontos de referência Geografia das águas	Para uma pesca, o pescador precisa conhecer bem o espaço do seu trabalho, pois o rio e suas águas escondem armadilhas como troncos de árvores, pedras, ilhas de areia ou até mesmo embarcações submersas e, diante disso, o pescador precisa dominar/registrar as áreas sem barreiras como estas. Como se faz isso? Tomando como referência árvores altas as margens, casas, faróis, pedras, ilhas etc. Estes lugares marcam a direção onde o pescador deve jogar sua rede sem a preocupação de prejuízos.	Trata-se de uma prática dialógica entre pescadores experientes e iniciantes, e o exercício de tentativa e erro. Se aprende/ensina durante a pescaria em que o mais experiente mostra <i>in loco</i> os pontos de referência e sua utilidade.

Fonte: Pesquisa de campo, 2021. Org.: Luís Amaral, 2021.

Foto 21: Ponto de referência no Pirocaba



Fonte: Registro de Luiz Cleibson F. Amaral, 2020.

O saber fazer como mencionamos remete as práticas do dia a dia e estas ações práticas requerem um diálogo entre as pessoas. Trata-se do que se está aprendendo e daquele que está ensinando, ou seja, evoca a relação de ensinar-aprender. Este diálogo

entre pessoas permeia o fazer, o manusear, como se portar ou exercer determinada ação. Também, outro recurso utilizado é a correção, e todas essas intercorrências do processo de ensinar e do aprender são desempenhadas pelo instrutor e pelo outro, que se encontra no papel de aprendiz, constitui-se nessa relação a transmissão do saber. Sob a perspectiva do autor deste trabalho faz-se notar a presença do instrutor no repasse deste saber fazer, “O Pirocaba é um lugar que guardo no coração, foi onde meus pais me ensinaram a apanhar açai”, sob a perspectiva do autor deste trabalho.

Com esta mesma noção Brandão (1990), reitera sobre este mesmo processo, de fazer circular o saber, pois “[...] esta forma de educação muito pouco ‘oficial’ e, menos ainda, ‘formal’, existe por toda parte. Existe no saber que a comunidade, através do pai e de outros lavradores mais velhos, transmite aos meninos e jovens sobre o trabalho com a terra” (p. 57-58).

Como afirma o autor o saber fazer nos une, nos faz compartilhar a vida e o vivido, o que sabe e o que aprende, o curioso e o instrutor, sendo normalmente numa comunidade tradicional como esta da pesquisa, de ocorrer o saber transmitido pelos mais velhos, seja pelo pai, tio, avós entre outros. Outrossim, são saberes relacionados ao trabalho como evidencia o autor. Saberes do fazer que ocorrem na ação do/a homem/mulher na e sobre a terra, as matas, os rios, as praias.

Ainda no tocante ao fazer, uma das práticas nesse contexto ribeirinho é o lidar com as águas e as embarcações, com fazeres do dia a dia que os menores e os adultos exercem na labuta diária. Saberes do viver em meio aos espaços naturais dos rios e de várzeas, como ancorar ou pilotar uma rabeta, remar, secar a canoa etc. São saberes-fazeres que asseguram sua vivência ali, cuja habilidade de fazer passa em agir sobre e com, a exemplo do registro da mãe que já vai ensaiando o menor na prática do remo e da canoa, da prática na vida local.

Foto 22: Mãe ensinando criança a remar.

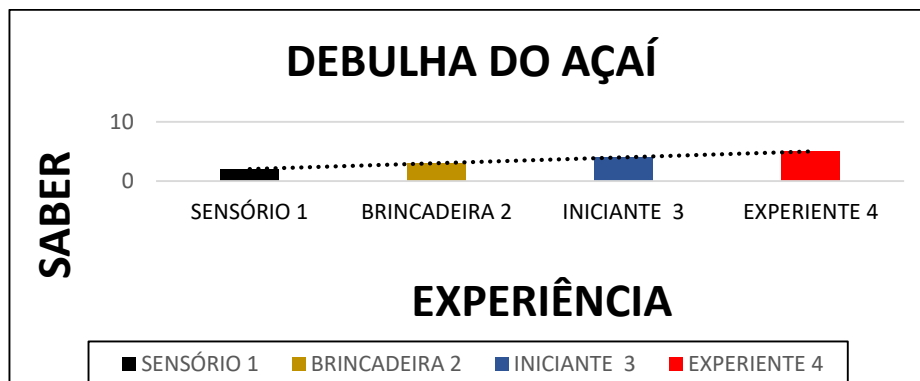


Fonte: Registro de Luiz Cleibson F. Amaral, 2020.

Este ensaio mãe e filho, ensinar-aprender fazendo, nesse caso, a remar, mostra um saber prático que se aprende por tentativa e erro. Devagar vai se aprendendo e os pequenos por várias tentativas, sozinhos, aprendem.

Outra evidência do saber fazer encontra-se na ação e no processo extração do açaí. Nesta prática os trabalhadores da comunidade desempenham várias funções como subir nas palmeiras, o debulhar, a separação das sementes, a organização dos paneiros/rasas para receber as sementes. São ações práticas que requerem saberes específicos para cada ação e, também, acontecem de modo partilhado. São saberes que se aprende com a inserção na atividade. Para melhor dizer trazemos excertos desse saber-fazer em circularidade por gerações:

**Esquema 1:** Fases de aprendizado na debulha de açaí pelas crianças<sup>14</sup>.



Org.: Amaral, L., 2021

<sup>14</sup> Para elaboração deste esquema foi utilizado como referência os estágios de desenvolvimento de Jean Piaget (1999), que são etapas da cognição de crianças.

## Esquema 2: Característica de cada fase

<b>Debulha do Açaí</b>	
<b>Fases do Saber</b>	<b>CARACTERÍSTICAS</b>
<b>Sensório</b>	Nesta fase a criança, entre 1 e 2 anos de idade, experimenta e conhece através do tato as sementes e os cachos de açaí. Comumente, os pais dão para os pequenos(as) miniaturas de cachos que as palmeiras novas produzem.
<b>Brincadeira</b>	Neste momento, as crianças entre 3 a 6 anos idade, fazem suas primeiras incursões na debulha, isso pelo forma de brincar. Sempre acompanhadas por adultos nesta atividade, estes vão transmitindo os primeiros comandos das ações. Imitar é uma característica desta fase.
<b>Iniciante</b>	Nesta fase, debulhar é presente e parte da vida cotidiana de crianças, entre 7 a 11 anos de idade. Nesse caso, os pais veem como uma ajuda, e o adulto é a referência quando da separação das sementes, por exemplo. Ou seja, aqui o adulto passa a ensinar o processo da debulha. Uma característica desta fase é a não finalização perfeita do processo.
<b>Experiente</b>	A partir dos 12 anos de idade o adolescente já sabe desenvolver perfeitamente a ação de debulhar e compreende como separar as sementes secas, maduras e verdes.

Org.: Luís Amaral, 2021.

Esse punhado de processos na feitura da debulha ou mesmo do extrativismo do açaí com um todo foi explicitado com propriedade pelos pequenos da comunidade e são partes dos desenhos 2 e 4. Neles, se evidencia pessoas em ação de cultivo do açaí. Elas participam, primeiramente como observadoras, depois na experimentação, fase em que elas interagem com a matéria prima e os utensílios utilizados como as rasas, peconhas, cachos de açaí, sementes. Posteriormente, são introduzidas a aprender e um mediador transmite os comandos oralmente, com exemplos, fazendo. Assim, elas observam, repetem e treinam brincando com seus pares, e aprendem.

Acontece, informalmente, uma relação de ensinar-e-aprender, um processo educativo embutido nesse saber-fazer.

O saber pensar é aquele ligado ao plano cultural, transmitido entre as gerações. Durante as entrevistas ficou evidente pelo povo da comunidade a conscientização em relação ao território com o cuidado, a preservação e a manutenção das vidas que dependem da natureza. “É importante agente conscientizar sobre preservar, cuidar do que é nosso. De que forma? Não jogando o lixo no rio, coletar para levar para a cidade, não desmatar, ter cuidado de plantar, de repor plantas. É dessa forma” (Sra. Dulcilene B. Ferreira, entrevista em 11/2021). Compreende-se aqui os cuidados, ensinamentos e práticas deixados pelos antepassados ao povo de hoje, um saber de preservação e conscientização imerso na cultura do caboclo ribeirinho dessa região. Como evidencia a fala da entrevistada Dilmara S. Araújo: “O Pirocaba é um território de resistência deixado para nós pelos nossos antepassados”.

A resistência que está ligada a manutenção e preservação da vida e da cultura que permeia este lugar, como afirma mais uma vez a moradora:

Outra coisa importante é manter os costumes dos nossos antepassados vivos, então a gente trabalha não só somente para que estes costumes permaneçam vivos, não somente na memória, mas também no coração de cada um e de cada uma que aqui vive. [...] É ter conhecimento que o rio é importante, não somente para nós que somos seres humanos que dependemos dele, mas também para todos os seres vivos. Um dos conhecimentos indispensáveis que a gente precisa sempre estar falando com a população, conscientizando, é manter ele sempre limpo, de entender que tiramos nosso alimento, nossa renda (Sra Dilmara S. Araújo, entrevista em 11/2021).

Mais uma vez, a entrevistada reitera a preservação como um saber inscrito na cultura da comunidade, saber advindo dos ancestrais em suas intensas relações com a natureza e o espaço vivido, e normatizado por eles no cotidiano; sentenciando o que Brandão (2015) confirma ao dizer que o saber emana um conjunto de teias e tramas que orientam a conduta dos homens e das relações destes com a natureza.

Outro exemplo, entre os moradores adultos é a arte como um saber pulsante, pois são inúmeras as formas de registrar, de esculpir e de contextualizar a vida local através de objetos, utensílios, joias, brinquedos etc. Que se inscreve na identidade local, diferenciando de outras comunidades. Diz de um saber que alinha a cultura e o conhecimentos porque traduz a vida tradicional ribeirinha e diz de uma ancestralidade amazônica, deixada e ensinada por gerações anteriores. As imagens a seguir retratam o viver local entrelaçado no fazer e no pensar, que se misturam, e reafirmam o contato direto com a natureza.

Foto 23: Artesanato local



Foto 24: Oficina de tecelagem na ASAPAP



Fonte: Registros de Dilmara S. Araújo, 2019.

São registros que mostram a arte entrelaçada na vida, tecida por entre costumes, valores, cores, sabores. Uma arte exemplificando o saber pensar do povo. A primeira imagem (foto 23), trata de uma pintura que destaca a palmeira do buriti que serve como

alimento, chama atenção também a moldura do quadro que exemplifica a tecelagem em muitos de seus usos. O próximo registro (foto 24), é a arte da tecelagem sendo compartilhada entre as mulheres, em que uma das mulheres tece pequenos paneiros que são utilizados para plantio de mudas de plantas, para guardar utensílios e frutas. São saberes incluídos na identidade deste povo das águas e são comuns em outras localidades da região tocantina e do município de Abaetetuba.

**Tabela 2 – Saberes do artesanato local**

<b>Arte e cultura ribeirinha, no Pirocaba</b>	
<b>Dimensões</b>	<b>Saberes</b>
<b>Agir</b>	<p><b>Preparo das Fibras:</b> neste processo o artesão deve deixar descansar no sol a rama das folhas do buriti, também conhecida localmente como <i>braço</i>, para escoar o líquido pegajoso, que causa coceira e ainda serve para deixar as fibras mais resistentes. Após a secagem, o artesão retira cuidadosamente a fibra externa (tala) da rama, obedecendo um padrão de largura e espessura. O material que sobra dessa retirada serve para o corte de outras fibras mais grossas.</p> <p><b>Corte de fibras:</b> No caso das folhas da palmeira de buriti, o corte é um processo de extração a partir da folha mais nova, também conhecida como <i>broto</i>, devido sua maleabilidade e ser melhor para a torção, já que na tecelagem o mais delicado é melhor. Além disso, a escolha de apenas uma única folha preserva a palmeira e garante uma nova disponibilidade do produto.</p>
<b>Fazer</b>	<p><b>O Tecer:</b> diz respeito a uma prática que envolve entender o encaixe, os arranjos e a junção das fibras, num exercício de paciência, atenção e inúmeras tentativas. O resultado deste processo é a perfeição do acabamento e beleza visual da peça. Se alcança com várias vezes praticando e tentando.</p> <p><b>A produção do brinquedo do buriti:</b> aqui ocorre cortes minuciosos, precisos de modo a estetizar o brinquedo, sem desajustes na produção das peças. Trata-se de um saber do artesão sobre o material, e como fazer, o que envolve cortar, lixar, encaixar, moldar como partes de uma mesma ação de inúmeras tentativas desta prática.</p>
<b>Pensar</b>	<p><b>Artesãos do Miriti:</b> Tradição passada de pai para filho em muitos casos. Há inúmeros artesãos de buriti, cujas atividades que a envolve são partilhadas entre vizinhos. Uma arte que por muito tempo nossos antepassados transmitiram, tornando uma herança cultural ainda hoje presente, como formas de expressão e registro de nossa singularidade local.</p> <p><b>A pintura:</b> Como evidente na Foto 23 acima esta representação da vida local é uma inscrição, um registro que partilha com o expectador da arte o quem somos, nossos artesãos registam a identidade do nosso povo, nosso modo de vida as margens ou nas matas, são lógicas e fazeres já inscrito na cultura ali representada.</p>

Org.: Luís Amaral, 2021.

Os saberes da preservação, da agricultura, das plantas medicinais, da luta pelo território e da arte aqui expostos, inscrevem a vida cotidiana desse povo no plano de uma cultura própria. Cultura esta como fruto da oralidade, de conversas entre familiares. Tais saberes-fazeres com o miriti, com o açaí, com as plantas, nas matas, nos rios e na natureza de modo geral, e que orienta a vida respeitando as lógicas da natureza em vivências concretas associadas ao tempo da maré, da colheita, de respeito ao sagrado que a mãe

terra e a floresta. Em suma, tais saberes-fazeres vão se constituído e se inscrevendo na cultura, na história e na identidade destes homens e mulheres, crianças e anciãos.

Como dissemos outros interlocutores da pesquisa foram às crianças. Formam um grupo de moradores que estão diretamente envolvidas com aprendizados na escola e fora desta, elas estão em processo de conhecer que se estende até a idade adulta quando já poderão ensinar outros.

Com as crianças adentramos nas suas maneiras de expressão maior, a brincadeira. Por isso, com elas realizamos uma oficina de desenhos regada do brincar, cujos eixos de diálogo perpassou suas impressões e dizeres sobre a comunidade, o que fazem no dia a dia com seus pais ou suas formas interativas, brincantes e de afazeres nos espaços. Suas produções também foram refletidas e contextualizadas pelas dimensões do agir, fazer e pensar, conforme veremos a seguir:

Desenho 1: Registros da maré seca e aquicultura. Desenho 2: Pluralidade e extrativismo do açaí.



Fonte: Arquivos da pesquisa, 2021.

Um primeiro ponto destacado pelos meninos e meninas foi a dinâmica das águas do rio Pirocaba. No lugar, existe a presença natural do rio que seca, ficando o seu leito exposto, que os moradores locais chamam de “as pedras”. Neste momento, o espaço do rio não permite a circulação das embarcações, pois é o momento de maré seca, servindo, no entanto, para a passagem dos pedestres. Tal fato, evidenciamos nos desenhos 1 e 2 pelas crianças que conhecem e compreendem este espaço e suas características, ou seja, elas detêm o saber do tempo das marés, quando as pedras ficam visíveis. Por saberem, as crianças, são capazes de não só identificar esse condicionante do espaço como também de agir a partir disso, isto é, elas compreendem o momento que a maré irá começar a encher, momento este ideal para um banho de rio, para brincar na água ou mesmo o momento exato para as travessias para a escola, para ir para a casa dos vizinhos. Estes pequenos dominam lógicas ditadas pela natureza das marés.

Outrossim, evidencia esta metáfora utilizada por Pacheco (2009, p. 61) a qual nos diz: “águas como relógio da Amazônia”, e em síntese neste caso a interpretação das crianças expressa nos desenhos diz do horário da maré seca.

Desenho 3: Pesca em caniço e matapí.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2021.

No desenho 3 a criança registra um homem pescando de caniço. Esta modalidade de pescaria envolve outros saberes como a noção do tamanho da vara, o comprimento da linha, o tempo das marés, onde pescar. São domínios normativos que conduzem o saber agir dos pescadores e pescadoras em seu cotidiano no mar, acontece mais ou menos como é retratado pelo autor:

O mundo camponês cria e recria estilos, formas e sistemas próprios de saber, de viver e de fazer, de reproduzir frações da vida, da sua ordem social e da reprodução da vida camponesa. Para cada tipo de atividade do ciclo rural, há um repertório próprio de conhecimentos, cuja rusticidade apenas esconde segredos e saberes de uma grande complexidade (BRANDÃO, 1986, p. 15).

O camponês descrito por Brandão pode ser associado aos ribeirinhos do Pirocaba. Pessoas que sabem das águas, detentoras de lógicas, sistemas, normas, ordenamentos sociais e um repertório da geografia local, retratando da especificidade de um grupo e sua complexidade.

Desenho 4: Colheita de açaí e pesca no rio.



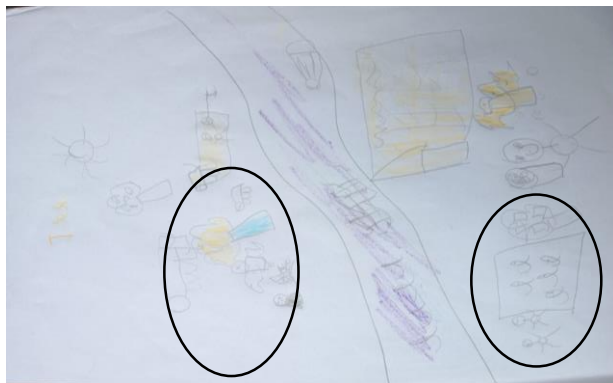
Fonte: Arquivos da pesquisa, 2021.

Como observamos nos desenhos 2 e 4 das crianças, as ações de cultivo do açaí são parte da vida cotidiana pelas famílias da região. O manejo do açaí é uma atividade que se aprende fazendo, agindo. É um exemplo de saber fazer, cuja prática é o ato de subir na palmeira para a extração do fruto, que se aprende por tentativas e exercitando, isso com acompanhamento de pessoas experientes.

O manejo do açaí também pode referir-se a dimensão do pensar, pois o cultivo dos caroços obedece ao tempo de maturação dos frutos e sua escassez. Ressalta-se que o período de escassez ocorre nos meses de janeiro a abril, quando não se encontra os frutos do açaí, somente suas palmeiras, nas matas. E os(as) pequenos(as) partilham com seus pais essa vivência e prática conforme consta nos desenhos 2 e 4, e assim vão computando esses fazeres e lógicas em seus processos identitários e culturais. Esta vivência e prática permeia acompanharem o cultivo, o preparo para a comercialização e o próprio alimento consumido diariamente. Esta dimensão do pensar é constante e ativa, porque está no dia a dia deles.

Outro aspecto ressaltado pelas crianças é a natureza do lugar, com os espaços, animais e recursos. Assim, na comunidade é comum encontrarmos nos quintais animais domesticados para o consumo familiar, para a venda, para a cooperação no trabalho e, também, os animais de estimação. Diz respeito a uma apropriação cultural da ordem do saber pensar, conforme são destacados nos desenhos 1, 4, 5.

Desenho 5: Aquicultura e extrativismo comunitário



Fonte: Arquivos da pesquisa, 2021.

No desenho 4 além da paisagem com residências as margens do rio, palmeiras de açaí e pessoas pescando camarão, vemos um cachorro domesticado para a caça de animais na mata como a mucura e tatus, também o animal serve de alerta ante aos perigos existentes na mata. No desenho 1 e 5 os autores evidenciam tanques de peixes, os quais são criados para consumo e venda e novamente no desenho 1 é expresso um curral de porco, cuja utilidade é a mesma.

Podemos dizer que, assim como os adultos, os pequenos detêm saberes sobre criação de animais e como domesticá-los, eles possuem noções de sobrevivência e técnicas de domesticação. Dominam saberes do pensar nutridos pela própria cultura local, sua identidade e sua vida.

Nesta perspectiva, a próxima imagem, exemplifica mais uma vez, uma cultura de um viver tradicional e no cotidiano ribeirinho.

Foto 25: Criança alimentando a criação.



Fonte: Arquivos da Pesquisa, 2021.

Vemos vários patos e cachorros no quintal, sendo alimentados por uma criança. Este ato representa as dinâmicas sociais vividas por crianças desde pequenas, como

alimentar, proteger, podar as asas para proteger de pragas, dar banho, fazer ninho, cuidar dos filhotes machucados, isso tudo servirá para quando adultos cuidem da sua própria criação, garantindo sua fonte de alimentação ou sua renda. Diz também do integrar-se à natureza com os seus vários elementos, os seres vivos e o próprio grupo de colegas (irmãos, amigos, pais) com o qual interage transitando nos espaços.

As dimensões do agir, fazer e pensar, correspondem a “[...] tudo o que exteriorizamos a nós ou em uma comunidade, são maneiras identitárias através das quais, [...] estamos dizendo a partir de nós, entre nós e para nós – e eventualmente para outros que não - nós – quem nós somos” (BRANDÃO, 2015, p. 111). Assim, os saberes aqui mostrados por meio das vozes e de imagens denotam a cultura local pirocabense, fazem parte do arcabouço de saberes e aprendizados, de opiniões e da arte, da sensibilidade e valor amazônico construído por esses sujeitos e que são parte de sua história. É o que corresponde ser um grande repertório de conhecimentos registrados na própria produção da cultura, partilhados e contextualizados, presentes no cotidiano desses homens e mulheres das águas. Isso tudo é:

[...] a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra (CLAVAL, 2001, p. 63).

É vigente um repertório de conhecimentos únicos, saberes-fazeres alicerçados na cultura que dita e afirma o povo das águas do Pirocaba com saberes exclusivos e particulares.

Nesta seção buscamos situar os saberes-fazeres por moradores tradicionais, os que habitam as margens e as matas em meio a tramas de relações, condutas, pensares, fazeres e lógicas próprias. Destacamos alguns desses saberes-fazeres sob as dimensões do agir, fazer e pensar, com base nas inferências de Brandão (2015).

Sobressaiu saberes-fazeres presentes na vida cotidiana da comunidade e que se mesclam com a integração dos sujeitos com a natureza e com o território.

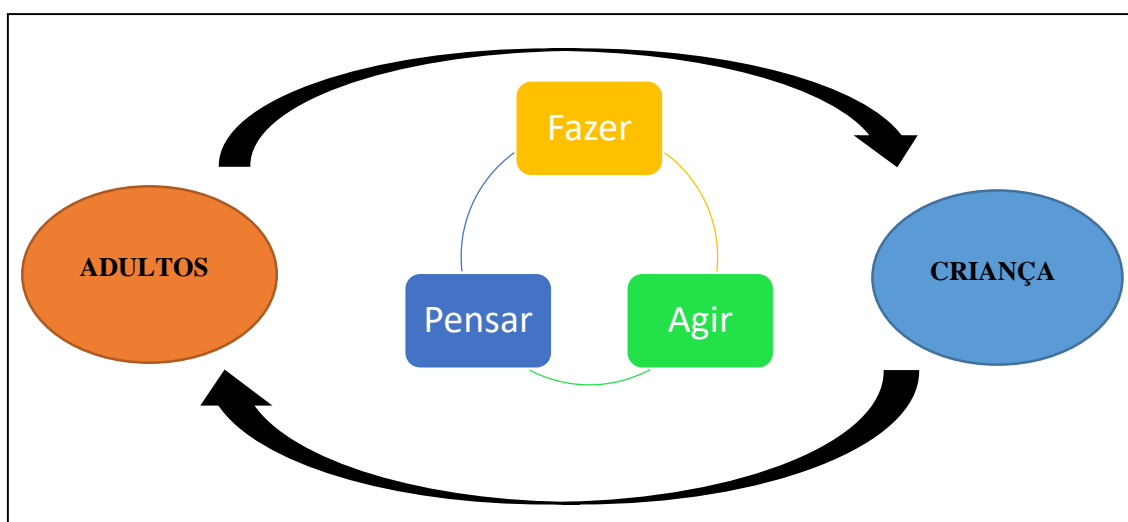
Foram simbolizadas pelas crianças os saberes referentes ao cultivo do açaí, a pesca, sobre a natureza com o tempo das marés, a criação e domesticação de animais, a caça, sobre a variedade e riqueza da flora e fauna. Este rico repertório ficou evidente em seus rabiscos e gravuras. As crianças trouxeram a natureza pela paisagem (olhar) e pelos sentidos (tocar/manusear), são exemplos os espaços das marés, dos rios com suas águas, as árvores com destaque para o açaizeiro. O tocar/sentir foi ressaltado pela presença humana subindo no açaizeiro, pescando, nadando, remando.

Pelos adultos ficou evidente os saberes do cuidar e subsistir no lugar. Assim, dão sentido a preservação, ao cuidado e manutenção da natureza, as formas interativas de cooperação e parceria entre pessoas, em prol de terem o comer ou outro tipo de serviço, como foi enfatizado o cultivo e utilização das plantas medicinais.

Como síntese, podemos dizer que os saberes-fazeres são múltiplos e situados.

Vimos que na prática social das pessoas as dimensões assinaladas por Brandão, agir, fazer e pensar, embora distintas elas se completam construindo no saber-fazer uma rede, uma trama que se estabelece no viver tradicional. Tramas de relações entre ideias, lógicas, raciocínios (agir) condutores de ações, práticas, labor diário (fazer) neste espaço rural, ribeirinho. E mais, ali existe concretamente a transmissão e a partilha que adentram o cotidiano e são dirigidas por costumes, ritos, símbolos próprios (pensar). Estas tramas interligam-se e se complementam como saberes, fazeres, arte, cultura, luta, do povo.

**Esquema 3:** A circularidade do saber, pelo povo.



Org.: Luís Amaral, 2021.

O esquema acima busca situar conexões entre as três dimensões que circundam os saberes-fazeres evidenciados na vida ribeirinha da comunidade. São conexões contíguas que perpetuam gerações. São conexões de complementaridade das dimensões (fazer, agir e pensar) presente nas relações de adultos e crianças em constante circulação e transmissão, isto é, em formas de ensinar-e-aprender. São conexões de vida, registrada dia a dia em suas identidades como potenciais de sujeitos únicos e fontes de saber.

Foi possível compreender que o povo do Pirocaba tem saberes alinhados a sua cultura local, sendo esta envolvente das relações com o ambiente que os cerca, com a ancestralidade amazônica de costumes, modos próprios e ritos. São estas crianças com

esse rico repertório de saberes que trazem consigo para o espaço escolar, saberes, fazeres, linguagens, formas próprias da cultura e identidade, em processo. Trazem vivências consigo, relações familiares e com o ambiente que vivem, conhecimentos cheios de significância e potencialidade pedagógica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como ênfase o saber local em mediação com sua valorização e sentido para o currículo escolar. Buscamos, compreender quais são os saberes, como se produzem/reproduzem, como são transmitidos na vida do povo pirocabense, dialogando com as dimensões do pensar, agir e fazer conforme pontua Brandão (2015), isto é, entender um pouco da organização da vida produtiva do contexto ribeirinho da comunidade do Pirocaba, no exercício de apontar possibilidades de para o currículo da escola.

Reiteramos, a pesquisa percorreu levantamentos e observações acerca dos saberes do Pirocaba em problematização de como estes estão na comunidade e chegam à escola. Nos atemos a compreender suas transmissões, formas de reprodução, disseminação junto das crianças e a produção da vida a partir deles e em contato com a natureza. As vivências do povo no cotidiano. Tais saberes foram discutidos com base nas ideias de Brandão (2015) com as dimensões do agir, o fazer e o pensar, e que norteiam a compreensão da multiplicidade e riqueza deste repertório apresentado pelos moradores desse lugar.

Para isso, evidenciamos os saberes presentes, construídos, transmitidos, utilizados na vida do povo da floresta e de rios do Pirocaba. Saberes que permeiam e significam o ambiente natural em suas características e peculiaridades. Saberes que registram e denotam o ser, homens e mulheres, crianças, idosos e jovens, os quais se constituem sujeitos nesta teia de saber-fazer bem como produzem a própria cultura e identidade de habitantes de contexto ribeirinho. São saberes assentados por lógicas do pensar-agir-fazer que fomentam a organização da vida produtiva. No dizer de Brandão (1997) o saber envolve:

O conhecimento técnico dos vários meios, então rudimentares, de lidar com o mundo da natureza; os códigos de regras de conduta que, ao mesmo tempo, constituem e preservam a ordem de pequenos mundos sociais; os repertórios de significados regidos por ideias e palavras, por símbolos (1997, p. 15).

Os saberes são estas riquezas que se traduzem sob diferentes formas de técnicas, símbolos e sentidos, são expressos mediante códigos que ordenam e conduzem a vida em diferentes mundos sociais, seja este uma pequena comunidade rural ou um grupo de pessoas. Figuram um repertório social de palavras, ideais os quais se registram e se narram. São símbolos registrados através da arte, do fazer e da produção cultural como buscamos evidenciar nas duas seções deste trabalho. São ideias e lógicas de pensamento que são visíveis em nosso cotidiano, portanto, são pontos de vistas dos sujeitos que

habitam a comunidade. São o conjunto de sentidos e significados que as famílias narram através das histórias e ensinamentos aos pequenos.

Da parte das crianças, vimos por meio dos desenhos que elas sabem da maré, da safra dos frutos como o açaí e o buriti, sabem dos peixes e do camarão, sabem do comprimento da rede de pesca etc. Convivem, observando, com a medicina caseira dos remédios de plantas, da banha da mucura e do macaco que usualmente se usa para cuidar lesões, fraturas e torções no corpo. Conhecem da geografia das águas e dos rios, dos caminhos. Sabem da importância da preservação dos recursos da fauna e da flora.

Ficou evidente que os pequenos possuem saberes da vida prática e do contexto ribeirinho, bastante vinculada as relações de família e com o território onde habitam. Foi bastante mostrado pelos pequenos, além do circuito vivido por elas com os adultos, a beleza estética da paisagem ribeirinha com os excertos dos espaços, dos elementos naturais e materiais etc.

Pelos adultos, foram evidenciados saberes que transversalizam a produção, a subsistência de vida, sendo destacado a preservação e o cuidado com a natureza, num cotidiano comunitário que ainda prepondera a cooperação e parceria, são exemplos a ajuda na pesca. Foram destacados o saber com bastante domínio em ações de cultivo e extração de açaí, de utilização das plantas medicinais, do trânsito e/ou traslado nas águas nos cursos dos rios e igarapés.

Como resultado que reflete as dimensões pontuadas (agir, fazer, pensar) podemos assinalar a (re)afirmação do saber já conhecido por mim, e por muitos que moram na comunidade. Ou seja, existe concretamente uma circularidade do saber entre os habitantes, existe formas de vida ainda em mediação com a natureza amazônica, existe todo um fazer, pensar e agir mais comunitário, humanizado, coletivo, partilhado e reconstruído dia a dia pelos sujeitos daquele lugar. Saberes esses que se mesclam aos espaços das águas, se mesclam com a terra e mata.

Na dimensão do agir foram confirmadas tessituras de como a vida é compreendida, ordenada e comandada por regras próprias. Ou seja, ações humanas produzidas junto e com a cultura. Parafraseando Brandão (2015, p. 144) o agir diz de “preceitos reunidos em códigos e gramáticas sociais” o quais prescrevem “quem, em que local, sob que condições” devem-se tomar tal iniciativa para desenvolver saberes lógicos que comandam a ação. Vimos isto, no conhecimento lógico das marés pelas crianças, no entendimento e na utilização de plantas medicinais como recurso medicinal.

O fazer, na perspectiva das práticas do cotidiano são situações, movimentos, construções e aprendizados ligados ao plano pragmático. Aqui, retomando o exemplo de Brandão (2015, p. 114) com a mandioca, ao explicar que “uma criança aprende com sua avó como se arranca a mandioca da terra; como se descasca cada pedaço aproveitável da raiz, e como, com outros ingredientes simples, se prepara um prato de mandioca-frita”. Os saberes pelas crianças do Pirocaba se estendem também ao ato de remar, de apanhar ou de debulha do açai.

O povo das águas, possuem visões de mundo. Pensam e articulam suas práticas e ações, seus fazeres-saberes. O pensar também está no cotidiano e é socializado, transmitido entre as gerações, logo, dá significação a vida ribeirinha. Nesse sentido, Brandão (2015, p. 114), afirma:

[...] através de nossos gestos cotidianos um sistema cultural opera. Basta você prestar atenção ao que come todos os dias e, também, em dias especiais para observar que não ‘comemos comidas’, mas alimentos. E não nos ‘alimentamos apenas de alimentos’, mas de símbolos que partilhamos.

Encontramos tais formulações como um sistema cultural na arte pulsante do Pirocaba, no costume de domesticação de animais presente nos registros fotográficos e desenhos das crianças.

E tudo isto se articula ou busca fazer confluência com a escola. Somos sabedores que a escola é agente de transformação na sociedade quando alinhada e em contato direto com as pessoas, suas necessidades; quando articulada com a comunidade em situação extra muro. Pois a educação como discutida não acontece somente na escola, há processos educativos no cotidiano do povo, há transferência e aprendizado sendo veiculado na prática social; há saberes do rio e da floresta que os/as educandos/as trazem consigo para a escola, saberes que aprendem na vida de sobrevivência, de luta, de comunidade e em meio a natureza. Ou seja, é fundamental

[...] abrir as portas da escola e sair a buscar compreender os mundos circunvizinhos, antagônicos, próximos e remotos onde estão, onde vivem e convivem com suas culturas do cotidiano os próprios personagens da vida escolar. Significaria, em seguida, o trazer para o campo da educação todas as interligações possíveis com todos os outros eixos internos e exteriores das experiências sociais e simbólicas da vida da pessoa, da sociedade e da cultura (BRANDÃO, 2007, p. 39-40).

Neste ensaio de processo investigativo, no que se refere à escola, não foi possível estabelecer uma interlocução mais direta e aprofundada com a instituição, devido no período que estivemos em trabalho de campo, as aulas estarem suspensas decorrência da

pandemia de COVID-19, assim ficamos com a clareza dessa lacuna no trabalho com um todo.

Agora, por ser morador, posso dizer que a escola está presente e viva na comunidade. Que ela tem um sentido para o povo local, pois é vista como um espaço de referência local no que compete ao conhecimento formal. Na instituição, os pequenos iniciam seu processo de ensino-aprendizado, somado aos que possuem aprendidos fora da escola. Também, é o espaço que representa o poder público presente na comunidade.

A escola possui uma grande responsabilidade no que compete a educação local de qualidade, portanto, precisa se articular às necessidades e a vida produtiva da comunidade para que de fato seja uma educação transformadora, com pés na realidade local, local onde os/as educandos/as vivam sua cidadania e a emancipação do pensar, do agir e do fazer nessa comunidade, que possui sua cultura viva.

Assim, uma escola vinculada com o saber-fazer do povo é uma escola que tem compromisso com a mudança e com uma prática educativa significativa. Nesse sentido, o educador Paulo Freire (1996, p. 22) postula que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou construção”. Ou seja, no processo educativo é mister articular, fazer conexões com a realidade que circunda a escola. Significa pensar quão importante é a realidade da comunidade, sua produção de existência, seu saber.

Afinal, como mencionamos os/as educandos/as que moram no Pirocaba são detentores de saberes, aprendidos com seus semelhantes. São detentores da escrita vivida, aquela que os capacita a dominar os seus artefatos diários e de labuta como a peconha, o chapéu da pescaria, o brinquedo em miriti, a rasa do cultivo de açaí e da pimenta, os quais denotam sua identidade, sua história, sua forma de entender e estar no mundo. Aprendem diariamente a linguagem da natureza mediado com atividades de trabalho, são exemplos dessa linguagem da mata os sentidos dados aos rios Pirocaba, o Curupira, o Coqueiro, o Furo da praia, e que possuem histórias narradas e transmitidas pelos antepassados aos pequenos.

O estudo, de certa forma, tratou da riqueza e multiplicidade de saberes, o que segundo Gusmão (2003, p. 95), significa que:

O saber que se ensina é redutor de culturas [...] a pluralidade cultural de grupos étnicos, sociais ou culturais necessita ser pensada como matéria-prima da aprendizagem, não como dias especiais, mas possibilitando trocas e processos de equidade entre sujeitos diferentes.

O saber, a cultura, o cotidiano, a produção são elementos postos à didática, a pedagogia e a um ensino na perspectiva intercultural<sup>15</sup>, alinhado com o contexto de vida da comunidade.

Os registros das crianças nos acenam possibilidades e suas vozes que pulsam no cotidiano, dizem da resistência e do contexto vivido. Essa vertente encontra-se estabelecida no ensino escolar quando exige para este, a cultura local e seus valores, conforme é situado na Lei Nº 8.069, de 13 de Julho de 1990 a qual dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, que em seu art. 58 estabelece que:

No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura (BRASIL, 1990).

Reiteramos, trazer aspectos da vivência extraescolar é garantir a possibilidade de perpetuação dos saberes locais; significa possibilitar a liberdade de acesso ao ensino contextualizado com a cultura local e com preservação e patrimonialização da Amazônia. Ou seja:

O meu respeito da identidade cultural do outro exige de mim que eu não pretenda impor ao outro uma forma de ser de minha cultura, que tem outros cursos, mas também o meu respeito não me impõe negar ao outro a curiosidade que ele possui e o que ele quer saber mais daquilo que sua cultura propõe (FREIRE apud SCANDIUZZI, 2003, p.03).

Significa então possibilitar ao educando conhecer e vislumbrar sua realidade em seu processo de ensinar-e-aprender na escola, o que entendemos como tornar o saber significativo e contextualizado na cultura.

Por fim, mediante esta realidade rica e de sabenças da comunidade Pirocaba ousamos propor sinalizações que possam enriquecer a ação educativa da escola, até porque sou morador da localidade. Assim, são problematizações para dialogar com a escola na direção da inserção dos saberes, da identidade e cultura local.

- Utilizar do **acervo da comunidade para o estudo e problematização** de questões da realidade amazônica e de conteúdos específicos como recurso pedagógico. São materiais escritos, obras de arte, exposições/comunicações orais por lideranças e outros moradores, etc.

Nesse caso, mencionamos um exemplo de material, o **Protocolo de consulta da comunidade**. Trata-se de uma normativa que além de expressar as regras do povo

---

<sup>15</sup> Na visão de Gusmão (2010, p. 263), a interculturalidade é evidenciada “como práticas simbólicas e estruturas de mediação” as quais dialogam entre si.

consensuadas, também é um instrumento de afirmação de quem somos, como pensamos e significamos nossa realidade e o território. Traz especificações dos espaços e de processos identitários vividos por nós.

Foi um material construído pelos moradores e que a escola pode utilizar como texto, contexto e palavra geradora junto das crianças e educadores.

• **Instituir aulas/ atividades extraescolares:**

Aqui, vemos que o território da comunidade é rico de possibilidades pedagógicas, assim institucionalizar um tempo comunidade com atividades de campo pode ser algo inovador e gerador de ricas aprendizagens e convívios. Nesta sistemática, a ideia é a exemplificação, a prática corporal e cognitiva a partir do contexto, seja construindo jardins, hortas, ou informando sobre a produção e apanhação do açaí, do fazer farinha e o cultivo de pimentas. São apostas de um ensino contextualizado, de valorização e perpetuação dos saberes, além de exercitar a integração entre o saber popular e o escolar/científico.

• **Divulgar a cultura local na escola**

Existem várias formas de fazer isso. Uma delas, pode ser pelo saber dos artesãos existentes na comunidade e que produzem diversos brinquedos de miriti, joias feitas de sementes, pinturas e tecelagens. Construir aulas envolvendo a artesanaria do lugar, numa espécie de ateliê, que funcione como laboratório vivo de saber, arte e da oralidade do artesão que estão na realidade da comunidade.

• **Construir um calendário do tempo local**

Os moradores possuem lógicas próprias, evidenciada, por exemplo, com o saber das águas e seus tempos, com o tempo das safras dos frutos como o açaí, miriti, jambo. Com o tempo do trabalho na agricultura, na pesca e no extrativismo. Assim, construir calendário como instrumento pedagógico, visando problematizar as lógicas, a cultura e a vida local.

• **Estudar a realidade da comunidade**

Nos momentos das horas-atividades, do planejamento pedagógico, da estruturação do projeto político pedagógico é necessário trazer/fazer/pensar o estudo da comunidade, isto é, articular com os agires-fazeres-pensares existente. Nesta empreitada o/a educador/a terá a oportunidade de também aprender o saber do povo, conhecer suas necessidades e formas de aprendizados, suas vivências. É onde o/a educador/a poderá reunir conteúdos e referências geradoras para as aulas.

Assim estaremos em marcha contra uma educação bancária, ao contrário esta mais alinhada com a realidade local. Isso assegura uma educação única, diferenciada que possibilita aos educadores e educandos aprenderem juntos.

As indicações buscam dizer da necessidade de conexão entre a educação formal e informal vivida no cotidiano da comunidade, dentro de um mesmo rio que é a educação. Por vezes, esta conexão inexistente, muito devido princípios bancários ainda bastante cristalizados na escola. “Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber” (FREIRE, 1987, p. 33).

E a realidade da/na educação do campo é a de uma escola que ainda não se compreende como um espaço político, cultural e de formação, ou em termos mais claros, “A escola como instituição máxima do processo educativo, não sabe ainda, como resolver o impasse que emerge da diversidade sociocultural de seus alunos” (GUSMÃO, 1999, p. 43). Ao mesmo tempo, os saberes ditos, mostrados, transmitidos pelos moradores durante nosso estudo, evidenciam quão rico são os processos educativos da comunidade Pirocaba, há uma pluralidade de elementos sociais com potencial pedagógico significativo.

À medida que a escola estabelece uma relação profunda com a realidade extra muro, se oportuniza, educandos-educadores; currículo-vida, cultura-educação, a (re) construção do ensino com outras possibilidades. Da escola vida e viva, da vida na escola, se faz como já dissemos, uma educação transformadora em que o “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou construção” (FREIRE, 2002, p. 21).

Apontamos, que a escola do Pirocaba e muitas outras dessa região que estão no campo e na categoria do campo, precisam fazer outros exercícios de serem espaços plurais, vivos. Nesses termos,

A escola como espaço de transformação deve questionar a validade e a legitimidade do modelo que é tomado como único no interior da cultura da qual somos herdeiros. Deve também relativizar o poder da escrita para descobrir outras formas de linguagem, deve ainda não presumir, mas investigar a realidade de seus sujeitos para dar novos contornos à sua prática (GUSMÃO, 1999, p. 73).

Os saberes dialogam com o ensino. A autora enfatiza isso ao afirmar a busca pelas brechas à mudança. A buscar outras/novas “linguagens” como as que estão na prática social e a da escola. Trata-se de assumir um ensino que, educandos e educadores, os faça pensar, se reafirmar, se compreender como sujeitos de cultura e da Amazônia.

Por fim, cabe ainda dizer que como morador do Pirocaba, estudante do curso de pedagogia e, ainda, com esse ensaio de pesquisa posso dizer que muito do trazido dos saberes, fazeres e impressões eu já conhecia, mas não compreendia a luz de uma pesquisa. Se fez, assim, um aprendizado.

Aprendi o quanto tais saberes presentes na vida dos moradores e moradoras do campo ainda precisam ser mais respeitados, reafirmados e preservados. Conhecimentos únicos de um povo que contam e narram sua história e sua identidade.

Conhecimentos que vou, com certeza, utilizar na minha prática educativa, como profissional. Também, este estudo me proporcionou entender a condição dos educandos como fontes inesgotáveis de conhecimentos, não somente de aprendizes. Ainda, pude entender o sentido bastante destacado por Freire (1996), ao afirmar da importância de estar em contínua pesquisa no exercício de ser docente, para conhecer e entender a educação e suas múltiplas realizações.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel; FERNANDES, Bernardo (Org). **Educação básica e o movimento social do campo**. Nº 2. Brasília: Articulação Nacional por uma Educação do Campo, 1999.

ASAPAP, Associação dos Agroextrativistas, Pescadores e Artesões do Pirocaba. Coordenação Comunitária de Consulta Prévia, Livre e Informada. **Protocolo de Consulta Prévia, Livre e Informada**. Abaetetuba: Fase Amazônia, 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Comunidade Tradicional**. Sem Data, Disponível em: <https://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/a%20comunidade%20trad160.pdf>, acesso em 11 de jul. de 2022.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A vocação de educar – algumas palavras sobre o exercício de trabalho da educação**. In: ROMÃO, José Eustáquio et al (org.). **Globalização, educação e movimentos sociais**. São Paulo: Editora Esfera, 2009. p.205-213.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação Popular**. 2ª.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues *et al*. **Tempos e Espaços nas Comunidades Rurais do Alto e Médio São Francisco, Minas Gerais**. In: II Encontro de Grupos de Pesquisa: Agricultura, Desenvolvimento Regional e Transformações socioespaciais. Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Uberlândia/Minas Gerais, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Nós, os Humanos: do mundo à vida, da vida à cultura**; São Paulo: Cortez, 2015.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sobre Teias e Tramas de Aprender e Ensinar**: anotações a respeito de uma antropologia da educação. Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O processo geral do saber**: a educação popular como saber da comunidade. In: **Educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 14-26.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Olhar o mundo e ver a criança: Ideias e imagens sobre ciclos de vida e círculo de cultura**. **Crítica educativa** (Sorocaba/SP), Vol.1, n.1, jan./jun. 2015a, p.108 – 132.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007. Diário Oficial da República do Brasil, Brasília, DF, 07 de fevereiro de 2007. Disponível em: <[Decreto nº 6040 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br)>, acesso em 16/12/2021.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República**

**Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: [L8069 \(planalto.gov.br\)](http://L8069(planalto.gov.br)) Acesso em: 20 jun. 2022.

CARGIL, Terminal de Abaetetuba. s. d. Cargill Brasil. Disponível em: <[O mais novo projeto da Cargill no Brasil | Cargill Brasil](#)> Acesso em: 23/12/2021.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 2º ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2001.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA - CPT. **Memória e Revitalização Identitária – Ribeirinhos e Ribeirinhas das ilhas de Abaetetuba**. Abaetetuba/PA, 2006.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA - CPT. **Memória e Revitalização Identitária**. Abaetetuba/PA, 2009.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17º. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. (org.) **Diversidade, cultura e educação**. Olhares cruzados. São Paulo: Biruta, 2003.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Linguagem, Cultura e Alteridade: imagens do outro**. UNICAMP-Cadernos de pesquisa, N° 107, p. 41-78, julho de 1999. Disponível em: [SciELO - Brasil - Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro](#), acesso em 25 de jun. de 2022.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Por uma antropologia da educação no Brasil. **Proposições**. Revista da Faculdade de Educação/UNICAMP, v. 21, n. 2 (62) – maio/ago. 2010.

MACHADO, Jorge. **O município de Abaetetuba: Geografia Física e dados estatísticos**. Abaetetuba: Edições Alquimia, 2008.

MACHADO, Jorge. **Glossário Abaetetubense: Palavras e expressões do linguajar regional**. Abaetetuba: Edições Alquimia, 2005.

PACHECO, Agenor Sarraf. **Em el corazón de la Amazônia: identidade, saberes e religiosidades do regime das águas marajoara**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica (PUC). São Paulo, 2009.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução: Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sergio Lima Silva - 24º Ed. Rio de Janeiro: FORENSE UNIVERSITARIA, 1999.

PIROCABA, Rio-Ramal. **Nossa associação viva!** Abaetetuba, 24 de jan. 2021. Facebook: Rio-Ramal Pirocaba. Disponível em: <[https://m.facebook.com/story.php?story\\_fbid=503711404302865&id=100039920299088](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=503711404302865&id=100039920299088)> Acesso em: 16/12/2021.

POJO, Eliana C. Amazônia Olhares fronteiriços a partir de estudos da fronteira na Amazônia. **Margens: Dossiê: Formação Docente Versão Digital** – ISSN: 1982-5374 VOL.10. N. 14. Jun. 2016. (p. 237-242). Disponível em: [http://www.repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/12923/1/Artigo\\_OlharesFronteiricosEstudos.pdf](http://www.repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/12923/1/Artigo_OlharesFronteiricosEstudos.pdf), acesso em 30 jun. de 2022.

POJO, Eliana C et al. As águas e os ribeirinhos – beirando sua cultura e margeando seus saberes. In: Revista **Margens**. Vol.08. N. 11. Jun. 2014. (p. 177-198). Disponível em: <http://www.repositorio.ufpa.br>. Acesso em 30 jun. de 2022.

SCANDIUZZI, Pedro Paulo. **Conversa com Paulo Freire**. Bolema, Rio Claro – SP, v. 16, n. 20, set. 2003. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/view/10548/6953>, acesso em 01 de jul. de 2022.

SOUZA, Dayana Viviany Silva de. **Currículo e Saberes Culturais das Comunidades dos Discentes Ribeirinhos do Curso de Pedagogia das Águas de Abaetetuba – Pará**. Dissertação de Mestrado. UFPA, 2011.

## **ANEXO 1 – GLOSSÁRIO<sup>16</sup>:**

**APANHAÇÃO:** Ato ou ação desempenhada para extrair açáí.

**BEIRA:** As margens do rio.

**FUROS:** Rios que servem de passagem para outros rios, atalho, divisas ou fim de um rio e igarapé.

**LANÇANTE:** Fenômeno da maré, quando ela sobe as margens do rio e adentra as áreas de baixas.

**MORINGA:** Recipiente que armazena água, farinha etc.

**MUNDÉ:** Armadilha feita de folhas, varas, cipós ou tábuas de madeira para capturar caças.

**PECONHA:** Utensílio feitos de folhas de açáí, fibras ou cipós em formato circular que serve de instrumento para cultivar açáí.

**PECONHA:** Utensílio utilizado para a extração de açáí, feito de folhas da mesma palmeira ou de sacas de ração de animal.

**PITIÚ:** Odor característico, Cheiro forte, aqui entendido como cheiro de peixe.

**POQUECA:** Pequenos saquinhos feito de folhas ou sacolas plásticas amarrados com ração que junto com o matapi servem para capturar camarão.

**RAMADAS:** Enfeites com bandeirinhas de papel de seda, ramos e frutas.

**TALA:** Fibra maleável e rígida extraída de arvores nativas da região amazônica como: Buritizeiros, Jupati e Arumã.

**TOMAR BÊNÇÃO:** Ato de oferecer a mão para ser beijada ou beijar a mão.

---

<sup>16</sup> Esse Glossário foi criado tendo como base os dados coletados no trabalho de campo e com os meus saberes de ribeirinho que sou.

## ANEXO 2 – TERMOS DE CONSENTIMENTOS:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado/a Dulcilene B. Ferreira

Esta pesquisa corresponde a entrevista de campo desenvolvida por mim, Luiz Cleibson Ferreira Amaral, como parte metodológica para a obtenção de dados para a construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Sendo este trabalho parte integrante do meu processo formativo e um dos requisitos exigidos para minha formação no curso de Pedagogia. Ressalta-se ainda que esta pesquisa conta com a supervisão da Prof. Dra Eliana Campos Pojo Toutonge docente da Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Para, Campus de Abaetetuba.

A pesquisa se dará por meio de uma entrevista semiestruturada a ser realizada on-line em decorrência da Pandemia da COVID-19 e os dados e resultados da pesquisa serão disponibilizados no trabalho final e nas exposições deste para a avaliação da banca examinadora tendo a sua identidade disponibilizada ou não, isso mediante sua aprovação. Se a concessão da sua identidade for uma negativa utilizaremos nomes fictícios para melhor desenvolver a compreensão dos dados

Estamos convidando vossa senhoria para participar da pesquisa, tendo todo o direito de não autorizar e, em qualquer momento da pesquisa, interromper sua participação sem qualquer problema ou retaliação ou represália, devendo somente avisar o/a pesquisador/a da sua desistência.

**Pesquisador:** Luiz Cleibson F. Amaral  
**Endereço:** Rio Pirocaba, Zona Rural de Abaetetuba –PA, S/N.  
**Telefone:** (91) 992692655;  
**Email:** Luiscl5043@Hotmail.com

**Orientadora:** Eliana Campos Pojo Toutonge  
**Fone:** 91 984939239;  
**E-mail:** elianapojo@ufpa.br

### CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, e que me sinto perfeitamente esclarecido(a) sobre o conteúdo da mesma. Declaro ainda que, por minha livre vontade, participarei da presente pesquisa.

Aceito a disponibilização de minha identidade

Abaetetuba, 30 de Novembro de 2021.

Dulcilene B. Ferreira

Entrevistado/a

Luiz Cleibson F. Amaral

Pesquisador/Entrevistador



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado/a Dilmaro Silva Araújo

Esta pesquisa corresponde a entrevista de campo desenvolvida por mim, Luiz Cleibson Ferreira Amaral, como parte metodológica para a obtenção de dados para a construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Sendo este trabalho parte integrante do meu processo formativo e um dos requisitos exigidos para minha formação no curso de Pedagogia. Ressalta-se ainda que esta pesquisa conta com a supervisão da Prof. Dra Eliana Campos Pojo Toutonge docente da Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba.

A pesquisa se dará por meio de uma entrevista semiestruturada a ser realizada on-line em decorrência da Pandemia da COVID-19 e os dados e resultados da pesquisa serão disponibilizados no trabalho final e nas exposições deste para a avaliação da banca examinadora tendo a sua identidade disponibilizada ou não, isso mediante sua aprovação. Se a concessão da sua identidade for uma negativa utilizaremos nomes fictícios para melhor desenvolver a compreensão dos dados

Estamos convidando vossa senhoria para participar da pesquisa, tendo todo o direito de não autorizar e, em qualquer momento da pesquisa, interromper sua participação sem qualquer problema ou retaliação ou represália, devendo somente avisar o/a pesquisador/a da sua desistência.

**Pesquisador:** Luiz Cleibson F. Amaral  
**Endereço:** Rio Pirocaba, Zona Rural de Abaetetuba –PA, S/N.  
**Telefone:** (91) 992692655;  
**Email:** Luiscl5043@Hotmail.com

**Orientadora:** Eliana Campos Pojo  
Toutonge  
**Fone:** 91 984939239;  
**E-mail:** elianapojo@ufpa.br

**CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, e que me sinto perfeitamente esclarecido(a) sobre o conteúdo da mesma. Declaro ainda que, por minha livre vontade, participarei da presente pesquisa.

Aceito a disponibilização de minha identidade

Abaetetuba, 30 de Novembro de 2021.

Dilmaro Silva Araújo

Entrevistado/a

Luiz Cleibson F. Amaral

Pesquisador/Entrevistador



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS  
RUA MANOEL DE ABREU, S/N, BAIRRO MUTIRÃO. CONTATO 3201-7087.

**AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAR ATIVIDADE FORMATIVA E  
INVESTIGATIVA TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, Luiz Cleibson Ferreira Amaral, discente do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, residente no Rio Pirocaba, S/N, Zona Rural, estou desenvolvendo uma pesquisa na modalidade de oficina referente ao meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o qual é parte integrante de meu processo formativo e um dos requisitos exigidos para minha a formação no curso de Pedagogia. Ressalta-se ainda que esta oficina conta com a supervisão da Prof. Dra Eliana Campos Pojo Toutonge docente da Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba.

A oficina necessitará realizar atividades pedagógicas e entrevistas com sujeitos a serem envolvidos e com a devida aceitação, estes sujeitos aqui referidos são crianças ribeirinhas de 03 a 12 anos de idade. Para isso, é preciso que os pais e/ou responsáveis autorizem a participação das crianças para realização da mesma. Vale ressaltar que, a qualquer momento, poderão ter acesso ao pesquisador/mediador para esclarecimentos de dúvidas ou até mesmo, por alguma razão, cancelar a autorização concedida e retirar-se do processo. Outrossim, quando acharem necessário, os pais e/ou responsáveis poderão solicitar explicações e/ou esclarecimentos sobre a construção do projeto em contato direto com a coordenadora.

Autorização:

Assim, eu Ingrid do Socorro Ferreira Amaral declaro, como responsável pela criança: Italo Simão Amaral Cardoso, autorizo a mesma a participar da oficina, estando ciente de todas as informações sobre a mesma. Além de autorizar o uso da imagem e do som, e a publicação de áudio, fotos, bancos de dados e outros desde que sejam única e exclusivamente para fins acadêmicos.

**Pesquisador:** Luiz Cleibson F. Amaral  
**Endereço:** Rio Pirocaba, Zona Rural de Abaetetuba –PA, S/N.  
**Telefone:** (91) 992692655;  
**Email:** Luiscf5043@Hotmail.com

**Orientadora:** Eliana Campos Pojo  
Toutonge  
**Fone:** 91 984939239;  
**E-mail:** elianapojo@ufpa.br

Abaetetuba, 30 de outubro de 2021.

Luiz Cleibson F. Amaral  
Pesquisador/Mediador



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS  
RUA MANOEL DE ABREU, S/N, BAIRRO MUTIRÃO. CONTATO 3201-7087.

**AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAR ATIVIDADE FORMATIVA E  
INVESTIGATIVA TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, Luiz Cleibson Ferreira Amaral, discente do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, residente no Rio Pirocaba, S/N, Zona Rural, estou desenvolvendo uma pesquisa na modalidade de oficina referente ao meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o qual é parte integrante de meu processo formativo e um dos requisitos exigidos para minha a formação no curso de Pedagogia. Ressalta-se ainda que esta oficina conta com a supervisão da Prof. Dra Eliana Campos Pojo Toutonge docente da Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba.

A oficina necessitará realizar atividades pedagógicas e entrevistas com sujeitos a serem envolvidos e com a devida aceitação, estes sujeitos aqui referidos são crianças ribeirinhas de 03 a 12 anos de idade. Para isso, é preciso que os pais e/ou responsáveis autorizem a participação das crianças para realização da mesma. Vale ressaltar que, a qualquer momento, poderão ter acesso ao pesquisador/mediador para esclarecimentos de dúvidas ou até mesmo, por alguma razão, cancelar a autorização concedida e retirar-se do processo. Outrossim, quando acharem necessário, os pais e/ou responsáveis poderão solicitar explicações e/ou esclarecimentos sobre a construção do projeto em contato direto com a coordenadora.

Autorização:

Assim, eu Ingrid do Socorro Ferreira Amaral declaro, como responsável pela criança: Juziel Luiz Benildo Amaral Cardoso, autorizo a mesma a participar da oficina, estando ciente de todas as informações sobre a mesma. Além de autorizar o uso da imagem e do som, e a publicação de áudio, fotos, bancos de dados e outros desde que sejam única e exclusivamente para fins acadêmicos.

**Pesquisador:** Luiz Cleibson F. Amaral  
**Endereço:** Rio Pirocaba, Zona Rural  
de Abaetetuba –PA, S/N.  
**Telefone:** (91) 992692655;  
**Email:** Luiscl5043@Hotmail.com

**Orientadora:** Eliana Campos Pojo  
Toutonge  
**Fone:** 91 984939239;  
**E-mail:** elianapojo@ufpa.br

Abaetetuba, 30 de Outubro de 2021.

Luiz Cleibson F. Amaral  
Pesquisador/Mediador



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS  
RUA MANOEL DE ABREU, S/N, BAIRRO MUTIRÃO. CONTATO 3201-7087.

**AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAR ATIVIDADE FORMATIVA E  
INVESTIGATIVA TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, Luiz Cleibson Ferreira Amaral, discente do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, residente no Rio Pirocaba, S/N, Zona Rural, estou desenvolvendo uma pesquisa na modalidade de oficina referente ao meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o qual é parte integrante de meu processo formativo e um dos requisitos exigidos para minha a formação no curso de Pedagogia. Ressalta-se ainda que esta oficina conta com a supervisão da Prof. Dra Eliana Campos Pojo Toutonge docente da Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba.

A oficina necessitará realizar atividades pedagógicas e entrevistas com sujeitos a serem envolvidos e com a devida aceitação, estes sujeitos aqui referidos são crianças ribeirinhas de 03 a 12 anos de idade. Para isso, é preciso que os pais e/ou responsáveis autorizem a participação das crianças para realização da mesma. Vale ressaltar que, a qualquer momento, poderão ter acesso ao pesquisador/mediador para esclarecimentos de dúvidas ou até mesmo, por alguma razão, cancelar a autorização concedida e retirar-se do processo. Outrossim, quando acharem necessário, os pais e/ou responsáveis poderão solicitar explicações e/ou esclarecimentos sobre a construção do projeto em contato direto com a coordenadora.

Autorização:

Assim, eu Luiz Cleibson Ferreira Amaral declaro, como responsável pela criança: Antonio Vitor Amaral Araujo, autorizo a mesma a participar da oficina, estando ciente de todas as informações sobre a mesma. Além de autorizar o uso da imagem e do som, e a publicação de áudio, fotos, bancos de dados e outros desde que sejam única e exclusivamente para fins acadêmicos.

**Pesquisador:** Luiz Cleibson F. Amaral  
**Endereço:** Rio Pirocaba, Zona Rural  
de Abaetetuba -PA, S/N.  
**Telefone:** (91) 992692655;  
**Email:** Luiscl5043@Hotmail.com

**Orientadora:** Eliana Campos Pojo  
Toutonge  
**Fone:** 91 984939239;  
**E-mail:** elianapojo@ufpa.br

Abaetetuba, 30 de Outubro de 2021.

Luiz Cleibson F. Amaral  
Pesquisador/Mediador



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS  
RUA MANOEL DE ABREU, S/N, BAIRRO MUTIRÃO. CONTATO 3201-7087.

**AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAR ATIVIDADE FORMATIVA E  
INVESTIGATIVA TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, Luiz Cleibson Ferreira Amaral, discente do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, residente no Rio Pirocaba, S/N, Zona Rural, estou desenvolvendo uma pesquisa na modalidade de oficina referente ao meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o qual é parte integrante de meu processo formativo e um dos requisitos exigidos para minha a formação no curso de Pedagogia. Ressalta-se ainda que esta oficina conta com a supervisão da Prof. Dra Eliana Campos Pojo Toutonge docente da Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba.

A oficina necessitará realizar atividades pedagógicas e entrevistas com sujeitos a serem envolvidos e com a devida aceitação, estes sujeitos aqui referidos são crianças ribeirinhas de 03 a 12 anos de idade. Para isso, é preciso que os pais e/ou responsáveis autorizem a participação das crianças para realização da mesma. Vale ressaltar que, a qualquer momento, poderão ter acesso ao pesquisador/mediador para esclarecimentos de dúvidas ou até mesmo, por alguma razão, cancelar a autorização concedida e retirar-se do processo. Outrossim, quando acharem necessário, os pais e/ou responsáveis poderão solicitar explicações e/ou esclarecimentos sobre a construção do projeto em contato direto com a coordenadora.

Autorização:

Assim, eu Leomora Barros e Barros declaro, como responsável pela criança: Leysiane B. Amaral, Emanuela B. Amaral autorizo a mesma a participar da oficina, estando ciente de todas as informações sobre a mesma. Além de autorizar o uso da imagem e do som, e a publicação de áudio, fotos, bancos de dados e outros desde que sejam única e exclusivamente para fins acadêmicos.

**Pesquisador:** Luiz Cleibson F. Amaral  
**Endereço:** Rio Pirocaba, Zona Rural de Abaetetuba –PA, S/N.  
**Telefone:** (91) 992692655;  
**Email:** Luiscl5043@Hotmail.com

**Orientadora:** Eliana Campos Pojo  
Toutonge  
**Fone:** 91 984939239;  
**E-mail:** elianapujo@ufpa.br

Abaetetuba, 30 de Outubro de 2021.

Luiz Cleibson F. Amaral  
Pesquisador/Mediador



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS  
RUA MANOEL DE ABREU, S/N, BAIRRO MUTIRÃO. CONTATO 3201-7087.

**AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAR ATIVIDADE FORMATIVA E INVESTIGATIVA TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, Luiz Cleibson Ferreira Amaral, discente do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, residente no Rio Pirocaba, S/N, Zona Rural, estou desenvolvendo uma pesquisa na modalidade de oficina referente ao meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o qual é parte integrante de meu processo formativo e um dos requisitos exigidos para minha a formação no curso de Pedagogia. Ressalta-se ainda que esta oficina conta com a supervisão da Prof. Dra Eliana Campos Pojo Toutonge docente da Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba.

A oficina necessitará realizar atividades pedagógicas e entrevistas com sujeitos a serem envolvidos e com a devida aceitação, estes sujeitos aqui referidos são crianças ribeirinhas de 03 a 12 anos de idade. Para isso, é preciso que os pais e/ou responsáveis autorizem a participação das crianças para realização da mesma. Vale ressaltar que, a qualquer momento, poderão ter acesso ao pesquisador/mediador para esclarecimentos de dúvidas ou até mesmo, por alguma razão, cancelar a autorização concedida e retirar-se do processo. Outrossim, quando acharem necessário, os pais e/ou responsáveis poderão solicitar explicações e/ou esclarecimentos sobre a construção do projeto em contato direto com a coordenadora.

Autorização:

Assim, eu Leocimara Barros e Barros declaro, como responsável pela criança: Keyliane B. Amaral, Emmanuela B. Amaral, autorizo a mesma a participar da oficina, estando ciente de todas as informações sobre a mesma. Além de autorizar o uso da imagem e do som, e a publicação de áudio, fotos, bancos de dados e outros desde que sejam única e exclusivamente para fins acadêmicos.

**Pesquisador:** Luiz Cleibson F. Amaral  
**Endereço:** Rio Pirocaba, Zona Rural de Abaetetuba –PA, S/N.  
**Telefone:** (91) 992692655;  
**Email:** Luiscl5043@Hotmail.com

**Orientadora:** Eliana Campos Pojo  
Toutonge  
**Fone:** 91 984939239;  
**E-mail:** elianapojo@ufpa.br

Abaetetuba, 30 de Outubro de 2021.

Luiz Cleibson F. Amaral  
Pesquisador/Mediador

### ANEXO 3 – ROTEIROS DE ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

#### ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADO

PERGUNTAS	RESPOSTAS
<p>1 - Como você identifica o local de sua morda, como que é o Pirocaba?</p> <p>- Que tem de especial aqui...</p> <p>- Por que é bom viver aqui...</p> <p>- Por que você acha importante as lutas sociais da comunidade pelo território....</p>	

**2- O que é preciso Saber para viver aqui nas margens dos rios?**

- Que conhecimentos você acha indispensável para viver aqui neste espaço aqui do rio...

- Como se aprende estes saberes estes conhecimentos...

- Quais os conhecimentos do rio ou das matas você tem...

- Você acha importante a escola preservar e valorizar estes conhecimentos...